

A ARTE da PREVENÇÃO

em Segurança & Saúde no Trabalho



FUNDACENTRO
FUNDAÇÃO JORGE DUPRAT FIGUEIREDO
DE SEGURANÇA E SAÚDE NO TRABALHO

Alfredo Menéndez-Navarro

Tradução: Leo Vinicius Maia Liberato
Revisão técnica: Valéria Ramos Soares Pinto

ARTE *da*
PREVENÇÃO
em Segurança & Saúde no Trabalho



FUNDACENTRO
FUNDAÇÃO JORGE DUPRAT FIGUEIREDO
DE SEGURANÇA E MEDICINA DO TRABALHO

Presidente da República

Jair Messias Bolsonaro

Ministro da Economia

Paulo Roberto Nunes Guedes

Fundacentro

Presidente

Leonice Alves da Paz

Diretor Executivo Substituto

Allan David Soares

Diretor Técnico

Robson Spinelli Gomes

Diretora de Administração e Finanças

Ricardo Felix

Alfredo Menéndez-Navarro

Tradução: Leo Vinicius Maia Liberato
Revisão técnica: Valéria Ramos Soares Pinto

ARTE *da*
PREVENÇÃO
em Segurança & Saúde no Trabalho

São Paulo



FUNDACENTRO
FUNDAÇÃO JORGE DUPRAT FIGUEIREDO
DE SEGURANÇA E MEDICINA DO TRABALHO

2019

Qualquer parte desta publicação pode ser reproduzida desde que citada a fonte.
Disponível também em: www.fundacentro.gov.br

Originalmente editado pelo European Trade Union Institute (ETUI), em 2015, sob o título **El arte de la prevención y la seguridad laboral en Europa**.

O ETUI recebe financiamento da União Europeia. A União Europeia não é responsável por quaisquer usos feitos das informações contidas nesta publicação.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Serviço de Documentação e Biblioteca – SDB / Fundacentro
São Paulo – SP
Sergio Roberto Cosmano CRB-8/7458

Menéndez-Navarro, Alfredo

A arte da prevenção em Segurança & Saúde no trabalho [texto]/
Alfredo Menéndez-Navarro ; tradução, Leo Vinicus Maia Liberato ;
revisão técnica, Valéria Ramos Soares Pinto. – São Paulo :
Fundacentro, 2019.

120 p. : il.

ISBN 978-85-92984-16-8

1. Prevenção. 2. Segurança e Saúde no Trabalho. 3. Cultura. 4. Locais de Trabalho. 5. Higiene Ocupacional. 6. Doenças Ocupacionais. I. Menéndez-Navarro, Alfredo. II. Liberato, Leo Vinicius Maia (trad.). III. Pinto, Valéria Ramos Soares (rev. técnica). IV. Santana, Liliane Graça (coord.). V. Título.

CIS A Hb Ah Mc

CDU 331.45:331.452:331.472

CIS – Classificação do “Centre International d’Informations de Sécurité et d’Hygiene du Travail”

CDU – Classificação Decimal Universal

Ficha técnica

Editora-chefe: Glaucia Fernandes
Revisão de textos: Karina Penariol Sanches
Conceito visual, capa e diagramação: Flávio Galvão

Sumário

Apresentação à edição brasileira	7
Prefácio à edição original	9
Capítulo 1 Culturas de prevenção.....	11
Capítulo 2 A introdução do cartaz no ambiente de trabalho	13
Capítulo 3 Cartazes de prevenção no período entreguerras	17
Capítulo 4 Continuidades nos cartazes de prevenção após a Segunda Guerra Mundial.....	37
Capítulo 5 Da “instrução” ao “protesto”: cartazes sindicais a partir do final dos anos 1960	71
O Modelo Operário Italiano e a nova abordagem da saúde ocupacional	72
As críticas ao fordismo e à automação.....	75
A crise de 1973 e a partilha de trabalho	78
As doenças ocupacionais e a carcinogênese industrial.....	86
Os riscos psicossociais.....	91
O acesso ao consumo e a representação da mulher	94
Concluindo	111
Referências	113
Sobre a obra	117
Sobre o autor	119

ARTI E

EFF

EM

SAUDE'NO'JIRABALHO

RANÇA

ÇA

SEGURANCA

RANÇA

ÇA

ÇA

PREVENCAO EM SE

PREVENCAO EM SE

PREVENCAO EM SE

ALHO

RABALHO

SECURANCA



Apresentação à edição brasileira

Estimular um olhar crítico sobre o passado e o presente de campanhas e ações preventivas em segurança e saúde no trabalho (SST). Esta é, certamente, uma das contribuições deste pequeno livro que está diante do leitor. Indo além, há também o estímulo para pensar possibilidades de futuro.

O autor Alfredo Menéndez-Navarro, formado em medicina, é historiador da saúde ocupacional. Suas pesquisas têm ajudado a compreender os impasses e as insuficiências da abordagem preventiva dominante em SST, assim como a apontar alternativas. Sinteticamente, podemos destacar algumas características dessa perspectiva preponderante: i) nela, os erros e as falhas costumam ser explicados por fatores individuais, como “negligência”, “descuido”, “falta de atenção”, “inexperiência” etc.; ii) em geral, esses fatores são atribuídos aos trabalhadores diretamente ligados à operação em que ocorre o acidente ou o agravo; iii) ela tende a focar no comportamento do trabalhador e na obediência às normas, dirigindo-se, portanto, a ele. Em suas publicações, Menéndez-Navarro procura mostrar as limitações dessa abordagem e apontar caminhos alternativos através da exposição do contexto histórico e dos embates sociais nos quais foram forjados tanto os instrumentos de prevenção, quanto a cultura especialista que ganhou espaço como mediadora desses conflitos.

Em *A Arte da Prevenção em Segurança e Saúde no Trabalho*, o autor apresenta diferentes culturas de prevenção que se formaram ao longo do século XX até os dias de hoje, história esta contada a partir da análise do conteúdo de cartazes europeus produzidos e utilizados para prevenção em SST.

Apesar de se restringir formalmente à Europa, *A Arte da Prevenção em Segurança e Saúde no Trabalho* traz contribuições valiosas ao público brasileiro, de modo a estimular a reflexão acerca das culturas e dos modelos de prevenção existentes e a possibilitar vislumbrar novas perspectivas de comunicação e ação preventiva na área.

Assim como na Europa, no Brasil a legislação de acidentes de trabalho teve sua ênfase na reparação, em detrimento da prevenção. Por outro lado, se durante as décadas de 1960 e 1970 houve uma experiência marcante de organização e lutas operárias naquele continente, em especial na Itália, que deu origem, por exemplo, ao mapa de risco, no Brasil vivíamos uma ditadura civil-militar que dificultava a organização e a luta dos trabalhadores, assim como a formação de uma perspectiva preventiva autônoma dessa classe. O mapa de risco, que ganha destaque também em *A Arte da Prevenção*, é trazido da Europa ao Brasil no início dos anos 1980, mas aqui chega separado do movimento que o constituiu, tornando-se, na maioria das vezes, um instrumento meramente burocrático de pouca ou nenhuma efetividade, destituído também de seu caráter de ferramenta política. Aliás, Menéndez-Navarro lembra-nos de que as formas de comunicação preventivas são, elas próprias, uma *ferramenta política* – e não apenas técnica, como faz transparecer a cultura especialista –, pois elege riscos, responsáveis e ações.

Na medida em que ainda nos deparamos frequentemente com campanhas preventivas focadas no comportamento do trabalhador – sejam elas produzidas por órgãos estatais, empresariais ou até mesmo sindicais –, a importância de materiais como este que o leitor tem em mãos fica patente. Todavia, para além da importância de inserir determinantes sociais e outros atores afora o trabalhador nas campanhas preventivas, há um desafio próprio do nosso tempo em uma economia pressionada cada vez mais pelo curto prazo da rentabilidade financeira. Trata-se do desafio de conseguir incorporar ações preventivas, isto é, ações que levem em conta o futuro, em processos de trabalho cada vez

mais submetidos ao regime de urgência da rentabilidade acionária de curto prazo. Ainda está para surgir uma reposta preventiva em saúde do trabalhador adequada às novas condições temporais consequentes da globalização financeira.

O conteúdo e a linguagem de *A Arte da Prevenção* torna-a uma publicação endereçada tanto a profissionais e estudantes da área de SST, quanto a sindicalistas, trabalhadores, gestores e público em geral interessado no tema. Os desafios postos à prevenção de acidentes e agravos à saúde dos trabalhadores certamente também são endereçados a todos estes atores.

Leo Vinicius Liberato
Doutor em Sociologia Política
Tecnologista da Fundacentro (Centro Estadual de Santa Catarina)

Prefácio à edição original

Este catálogo contém alguns dos cartazes que selecionamos para a exposição *The Art of Preventive Health and Safety in Europe*¹. Para além do apelo estético e da grande variedade de técnicas gráficas usadas para representar riscos ocupacionais, a exposição realça diversos enfoques em disputa na área de segurança e saúde no trabalho.

Alguns dos cartazes apresentam mensagens que remetem à responsabilidade e, potencialmente, à culpabilidade dos trabalhadores. Instam-nos a respeitarem as regras e a serem cuidadosos, aplicados e organizados. Outros, ao contrário, realçam os perigos ligados à organização do trabalho. Desenham a silhueta da morte escondida nas sombras das engrenagens das máquinas ou revelam a presença de substâncias tóxicas. Os trabalhadores retratados raramente são mulheres, as quais tendem a aparecer mais como esposas lembrando seus maridos de tomar cuidado e voltar sãos e salvos para casa.

Independentemente do enfoque, a mensagem se expressa quase sempre no imperativo. Alguns, de posse de conhecimento, pedem aos trabalhadores que sigam as instruções. Duas imagens se opõem a esse conceito, com frequência, infantilizante de prevenção. Um cartaz sindical do início dos anos 1980 anuncia sobriamente “Nossa saúde não está à venda”, destacando-se dos demais pelo uso da primeira pessoa do plural e pelo requisito da ação coletiva que implica. Também expressa um renascimento da cultura sindical, muito sensível nesse período na Europa, que estabelece limites ao que seria negociável em termos de salários e trabalho. Outro documento não é propriamente um cartaz. Não contém nenhuma mensagem explícita. Reflete a ação coletiva em seu desenvolvimento. Trata-se do mapa de riscos elaborado em 1969 pelos trabalhadores da oficina de pintura da Fiat em Turim. A força do grafismo é involuntária, como parece ser o modo com que a arte contemporânea recupera objetos funcionais. Esses símbolos estranhos, que representam cada etapa de produção e os diversos riscos identificados pelos trabalhadores, expressam outra forma de conceber a prevenção: através da mobilização de uma inteligência coletiva e do questionamento da divisão tradicional do trabalho.

Nosso maior agradecimento se dirige ao International Institute of Social History, em Amsterdam. Sem suas coleções e o extraordinário trabalho de arquivo a elas associado, essa mostra não seria possível. Também quero expressar meu mais sincero agradecimento ao Professor Alfredo Menéndez-Navarro, que leciona História da Ciência na Universidade de Granada. Seus apontamentos iluminam o caminho percorrido pela mostra. O European Trade Union Institute (ETUI) coloca este material à disposição de todas as organizações que queiram usá-lo para promover a saúde ocupacional. Os cartazes ficam em exibição permanente em nosso centro de documentação. Mais uma razão para visitá-lo e utilizá-lo!

Philippe Pochet
Diretor Geral do ETUI

¹ Nota da revisão: A exposição “A Arte da Saúde e Segurança Preventivas na Europa” (em tradução livre) ocorreu entre 26 de setembro e 18 de dezembro de 2013 no Centro de Documentação do European Trade Union Institute (Etui), em Bruxelas.

ARTI E

EFF

EM

SAUDE'NO'JIRABALHO

RANÇA

ANÇA

SECURANCA

RANÇA

ÇA

SECURANCA



Capítulo 1

Culturas de prevenção

Os efeitos prejudiciais à saúde derivados da atividade produtiva têm sido uma preocupação dos atores sociais desde o final do século XIX. Com diferentes graus de intensidade e constância, órgãos oficiais do trabalho e da saúde, organizações patronais, sindicatos e companhias de seguro desenvolveram, ao longo do século XX, campanhas para limitar o impacto da atividade produtiva na saúde de trabalhadores e trabalhadoras. Porém, as formas pelas quais foram concebidos os riscos ocupacionais e as medidas postas em prática para preveni-los variaram substancialmente, variações essas provocadas não apenas por determinantes técnicos, mas também por fatores históricos, econômicos, sociais e culturais (Douglas, 1986). Se entendermos por cultura a produção e a troca de significados, ou seja, aquilo que permite a diferentes pessoas interpretar o mundo essencialmente da mesma maneira, é óbvio que não podemos falar de uma “cultura de prevenção”, de uma única forma de conceber e prevenir os riscos ocupacionais, mas sim da coexistência de uma multiplicidade de modelos que com frequência convivem em conflito (Nelkin, 1985; Cárcoba Alonso, 2007).

As diversas concepções em torno dos riscos – basicamente o modelo operário e o modelo empresarial –, nutridas pelos interesses e pelos valores dos principais atores sociais, têm sido, em boa medida, absorvidas pela pretensão hegemônica da cultura especialista e tecnocrática de ser a única capaz de proporcionar uma leitura legítima que torne inteligíveis e abordáveis os riscos ocupacionais. Uma pretensão quase alcançada, levando em conta o papel marginal que é desempenhado em nossas sociedades pelas interpretações alternativas ou complementares das causas de acidentes de trabalho ou pelas propostas operá-

rias para enfrentar a morbidade ocupacional (Menéndez-Navarro, 2003).

Ao longo do século XX, os cartazes de prevenção de riscos ocupacionais foram a principal ferramenta para transmitir essas mensagens nos locais de trabalho, desempenhando um papel central nas campanhas de prevenção conduzidas por atores sociais. Surgido na segunda metade daquele século, o cartaz moderno cresceu impulsionado pelas necessidades da publicidade comercial, e seu uso como forma de propaganda na Primeira Guerra Mundial e na Revolução Russa transformou substancialmente sua finalidade, sendo abandonada de modo progressivo sua concepção como produto artístico para passar a um meio técnico de comunicação de massa destinado a moldar a opinião pública. A capacidade de transmitir informação de forma simples, acessível, a setores da população letrada e analfabeta o converteu também em veículo ideal para difundir mensagens educacionais a amplos setores da população, visando modelar as atitudes e os comportamentos dos destinatários. Isso explica seu uso em massa por organizações educativas, de saúde e laborais europeias como base de campanhas de promoção sanitária para tratar de problemas de saúde coletiva, incluindo aqueles causados pela atividade de trabalho (Perdiguero Gil; Castejón Bolea, 2012).

Para além de considerar as linguagens iconográficas e tipográficas empregadas e as mensagens transmitidas pelos cartazes de prevenção como reflexo dos problemas de saúde ocasionados pelo trabalho ou das correntes de *design* dominantes em cada momento histórico, é necessário entender a “linguagem dos cartazes” como ferra-

menta política. Em outras palavras, como instrumento que permite definir e redefinir os problemas de saúde ocupacional ao: incorporar, em cada cartaz, uma explicação da causa do problema; fixar os destinatários da mensagem de prevenção; e definir uma concepção de responsabilidade na produção e na prevenção (Hilgartner, 1985).

Tendo em vista outras mostras e compilações de cartazes de prevenção organizadas e publicadas recentemente², a principal contribuição desta mostra é ressaltar as diferentes visões e concepções da tarefa de prevenção. Para este fim, o Etui coletou um significativo número de cartazes confeccionados por sindicatos europeus após a Segunda Guerra Mundial, mantidos pelo International Institute of Social History, em Amsterdam, que dividem espaço com os produzidos por organismos oficiais e empresariais desde o período entreguerras. Os cartazes procedem da maioria dos países europeus e tratam de diferentes riscos, assim como do tema de gênero. A mostra, portanto, permite explorar as continuidades e as rupturas existentes entre ambas as produções e mostrar que a originalidade da perspectiva operária do problema se traduz em uma abordagem alternativa de alguns riscos ocupacionais e na emergência de problemas de saúde ocupacional tradicionalmente evitados pelos cartazes produzidos pelas instituições oficiais.

² Arxiu Nacional de Catalunya. *Danger: colección de carteles de prevención de accidentes laborales (1925-1937)*. Viena Ediciones, Barcelona, 2002.

Accidentes y prevención. Carteles españoles del siglo XX, Lunweg Editores, Barcelona, 2004.

¡Defiende tu salud y tu vida en el trabajo! Carteles 1867-2006, Fundación Francisco Largo Caballero, Madrid, 2014.

Collectif Ferraille. *Danger! Trésor de l'Institut National de Recherche et de Sécurité*, CNAM-Musée des arts et métiers, Paris, 2014.

Em primeiro lugar, mostrarei as circunstâncias que possibilitaram o surgimento dos cartazes de prevenção no início do século XX e os fatores que facilitaram sua expansão durante o período entreguerras. A doutrina da Organização Científica do Trabalho (OCT) teve influência decisiva na consideração do fator humano como principal responsável pelos acidentes e como garantidor da prevenção. Esses princípios inspiraram a maioria dos cartazes produzidos no período entreguerras e são analisados no terceiro capítulo. No quarto capítulo, mostrarei como as mudanças ocorridas no imediato pós-guerra, as quais lançaram as bases para a criação do Estado de bem-estar social, combinaram-se com um nítido continuísmo na produção de cartazes de prevenção, nos quais irrompeu com força o recurso do humor para articular as mensagens preventivas. O quinto capítulo explora uma verdadeira ruptura na concepção dos cartazes de prevenção produzida no final dos anos 1960, quando deixaram de ser considerados meros elementos de instrução para passarem a veicular as denúncias operárias e sindicais frente à deterioração das condições de trabalho. Os cartazes produzidos pelos sindicatos a partir do final dos anos 1960 também possibilitaram a emergência de temas que antes tinham recebido pouca atenção, além de transmitirem com celeridade alguns dos novos riscos associados com a mudança das condições do trabalho industrial e do mercado de trabalho. Por último, trarei breves reflexões sobre o que considero as principais contribuições da seleção de cartazes nessa mostra.

Capítulo 2

A introdução do cartaz no ambiente de trabalho

No último quarto do século XIX abriu-se espaço a um crescente consenso internacional quanto à necessidade do Estado intervir ativamente na solução da chamada *questão social* ou conflito de classes, superando o tradicional *laissez-faire* propugnado pelo pensamento liberal (Rodríguez Ocaña; Menéndez Navarro, 2006). Na origem dessa mudança se situa o auge do movimento operário e sua crescente capacidade de forçar a tomada de consciência sobre a dimensão dos problemas sociais gerados pela industrialização. A regulação do trabalho infantil e feminino, a limitação da jornada de trabalho e a compensação por danos relacionados ao trabalho foram os elementos dominantes da agenda nos primeiros estágios da luta operária (Laurell, 1984). Diversos setores dirigentes da sociedade, de conservadores a socialistas passando pelo catolicismo social, assumiram a necessidade de introduzir reformas sociais com o objetivo de atenuar o conflito social.

Os acidentes, assumidos como efeitos colaterais do progresso industrial, tornaram-se o centro das atenções dos reformadores sociais europeus por serem um problema agudo e onipresente, tanto da perspectiva dos trabalhadores, quanto da do próprio sistema produtivo (Bartrip; Burman, 1983). A partir das últimas décadas do século XIX, as legislações europeias incorporaram normas destinadas a enfrentar e reduzir os efeitos dos acidentes de trabalho. Por um lado, normas de segurança foram adotadas acompanhadas da criação de serviços de fiscalização responsáveis por assegurar o seu cumprimento. Por outro lado, legislações sobre compensação por acidentes foram promulgadas com intuito também preventivo (Silvestre, 2008).

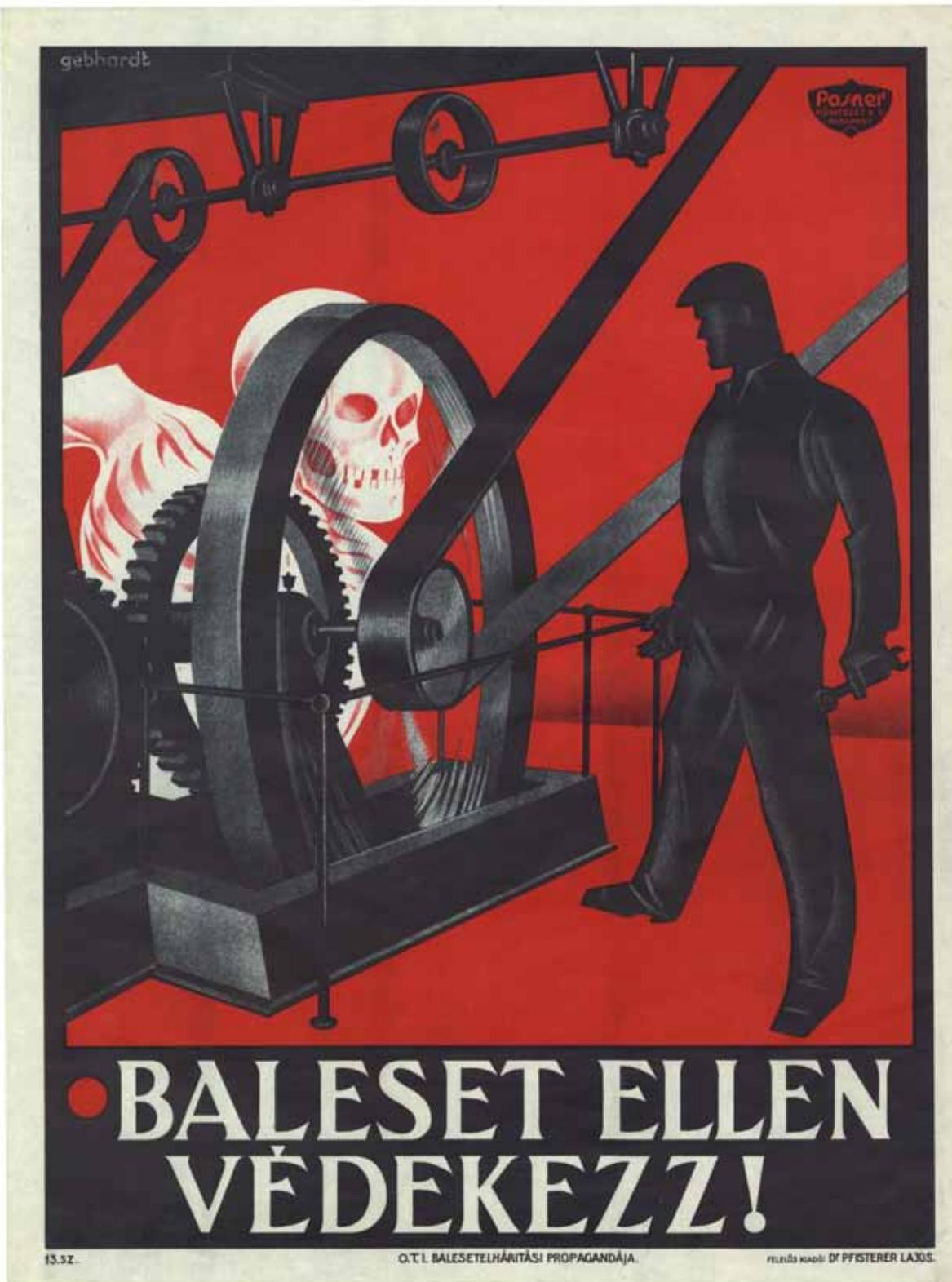
Embora com grandes variações nacionais, a legislação europeia de acidentes teve uma clara orientação

reparadora, priorizando a compensação financeira e os benefícios previdenciários às vítimas e seus dependentes em caso de morte em detrimento de intervenções preventivas. As expectativas dos legisladores de que o custo das indenizações financeiras estimulasse o investimento empresarial em medidas de segurança no trabalho rapidamente se mostraram infundadas (Sturdy, 2003). As ações se limitaram à aprovação de manuais de mecanismos de prevenção que eram tão generalistas quanto pouco efetivos, à publicação de cartilhas de saúde e, especialmente, à implementação de campanhas de prevenção em torno da publicação de cartazes, que dessa forma entraram na cenografia industrial e fabril.

Os cartazes de prevenção tiveram sua era de esplendor no período entreguerras, quando o aumento do uso de cartazes em geral aliou-se ao impacto da Organização Científica do Trabalho (OCT) na doutrina de prevenção. Essa nova disciplina aspirava regular a disposição dos diferentes fatores de produção de forma científica, de modo a melhorar a eficiência e o rendimento industrial. Do ponto de vista dos riscos ocupacionais, a incorporação da OCT implicou um crescente protagonismo causal ao “fator humano”, expresso em termos de constituição psicológica ou orgânica do indivíduo. Por isso, uma das primeiras materializações da OCT foi a criação de institutos de seleção e orientação profissional destinados a estudar o ser humano como fator de produção, de modo que cada indivíduo pudesse ser alocado às tarefas para as quais estivesse melhor capacitado. Essa nova concepção dos acidentes de trabalho e das estratégias preventivas acabou privilegiando o protagonismo causal dos próprios trabalhadores e trabalhadoras na produção dos acidentes, situando os fatores dependentes das condições e dos meios de trabalho

em uma posição muito secundária. Consequentemente, o combate aos acidentes de trabalho focou a seleção e a orientação profissional e o trabalho educativo e persuasivo dos especialistas para conseguir “convencer os interessados” da sua capacidade de evitar acidentes de trabalho e da necessidade de promover mudanças de conduta e de hábitos de vida para consegui-lo. Como resultado, baseado

nas premissas da OCT, os trabalhadores se tornaram não apenas os principais responsáveis pela produção de acidentes, mas também garantidores da sua própria proteção. De modo a ser um bom operário, já não bastava produzir adequadamente, era agora necessário cuidar da sua própria segurança e evitar as imprudências (Martínez Pérez, 1994; Rabinbach, 1992).

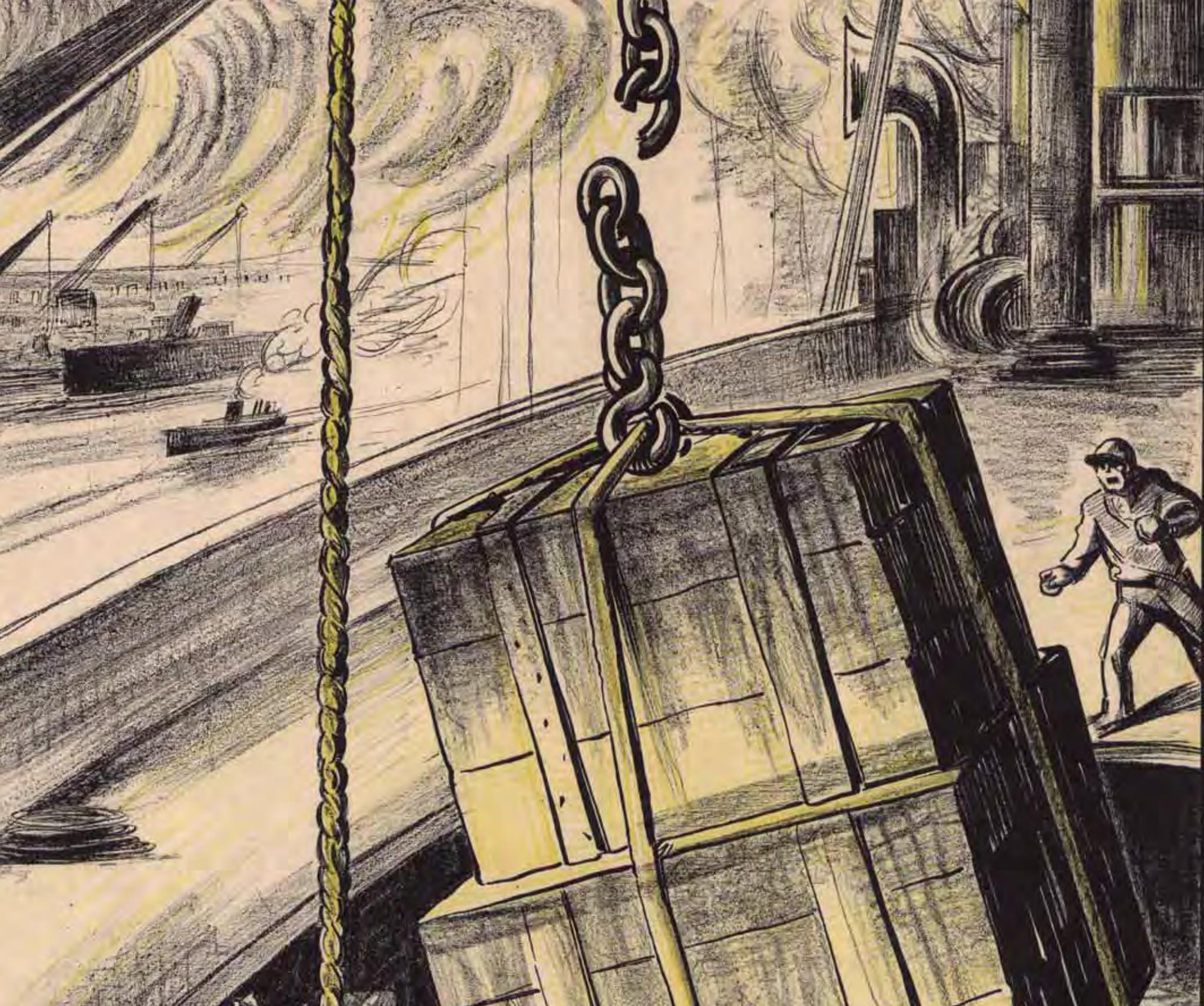


Cartaz 1

Proteja-se contra acidentes!
Hungria, campanha de prevenção de acidentes, Instituto Nacional de Seguridade Social, 1925-1949.

Designer/Artista: **Gebhardt.**

Fonte: International Institute of Social History (Amsterdam)
– IISG BG E8/598.



Capítulo 3

Cartazes de prevenção no período entreguerras

Os cartazes de prevenção de acidentes anteriores à Segunda Guerra Mundial incluídos nesta mostra possuem algumas características em comum. Frente à predominância textual em cartazes do início do século, a produção de cartazes no período entreguerras se beneficiou da renovação do *design* gráfico vivido na época, recebendo a influência das distintas vanguardas artísticas, incorporando a fotografia, a fotomontagem, a abstração geométrica e o tratamento tipográfico rigoroso. Isso se refletiu num impactante design de imagem a serviço de uma mensagem mais clara e compreensível. Como exemplo, alguns dos cartazes incluídos na mostra refletem a influência de correntes como o expressionismo alemão. Contudo, antes de 1940, os cartazes de prevenção eram projetados principalmente por tipógrafos tradicionais, o que explica por que as propostas gráficas eram em geral pouco ousadas, empregando de forma predominante uma linguagem figurada mais ou menos realista (Pelta Resano, 2008).

Os destinatários dos cartazes eram majoritariamente os trabalhadores. Em consonância com as estratégias de prevenção inspiradas pela OCT, eles eram representados como os principais ou únicos responsáveis e agentes de sua própria segurança e, portanto, culpáveis por suas imprudências ou pelo uso inadequado das ferramentas de trabalho. Portanto, os cartazes desse período não prestavam atenção às condições de trabalho ou aos determinantes sociais do risco que comprometiam a saúde e a segurança do trabalhador. Como consequência, as mensagens comunicadas pelos cartazes se concentravam na responsabilidade individual.

Os cartazes incluídos na mostra abundam na representação de riscos físicos no ambiente industrial, embora também estejam incluídos alguns riscos em relação a trabalhadores agrícolas. Representam os fatores de risco causadores do acidente (falta de atenção, desorganização, imprudência) e suas consequências (esmagamento por cargas, cegueira, quedas de altura) ou os riscos que “espreitam” o trabalhador que utiliza incorretamente o maquinário (amputação de membros ou a morte). Os cartazes apelam diretamente ao operário, ao qual solicitam o cumprimento das normas, o uso adequado do maquinário e das ferramentas, a necessidade de ter cuidado no desempenho de suas tarefas ou o uso das medidas de proteção para evitar acidentes e lesões. Entre as medidas de proteção individual se destacam as alusões a óculos de proteção ou a máscaras de solda, em cartazes que colocam o trabalhador diante da consequência que implica não usá-las, a invalidez irremediável. Em contraste, a maioria desses cartazes dá pouca ou nenhuma atenção às condições de trabalho e em raras ocasiões informam o trabalhador quanto à necessidade de usar equipamentos de proteção estruturais. É o caso do cartaz holandês produzido em 1940 pela Platen-Comissie, o qual, através de um impactante *design*, informa o trabalhador das consequências de acidentes (amputações) provocados pelo uso de máquinas de engarrafar sem proteções estruturais (Cartaz 4).

A maioria dos cartazes nesse período foi produzida por órgãos públicos responsáveis pela saúde ocupacional e/ou bem-estar social, por cooperativas de seguro e associações patronais e por seguradoras e organizações sindicais. Merece destaque a inclusão na mostra de um car-

taz holandês de 1927 produzido pelo Sindicato de Trabalhadores do Transporte, o qual, embora sem se afastar dos códigos de representação acima mencionados, solicitava ao trabalhador a colaboração com o sindicato na luta contra os acidentes de trabalho (Cartaz 2).

Embora se trate de uma limitada seleção de cartazes, considero importante destacar algumas ausências que refletem lacunas significativas nos temas abordados nesse período. Em primeiro lugar, a escassa presença da mulher nos cartazes de prevenção. Apesar da crescente incorporação da mulher no ambiente industrial desde a Primeira Guerra Mundial, durante esse período predominou a representação de homens nos cartazes. A aparição da mulher trabalhadora como destinatária das mensagens se registrou nos setores mais feminizados, como a indústria têxtil ou o setor de saúde. Junto às habituais solicitações de prudência, os cartazes incluíram uma grande carga normativa ao advertir as operárias quanto aos riscos de acidente devido ao uso de roupas largas ou por não amarrarem os cabelos para trás. Porém, a opção majoritária nos cartazes de prevenção foi a de retratar a mulher como esposa e mãe, construindo uma poderosa representação icônica destinada a lembrar o homem das terríveis consequências de suas imprudências à vida familiar, de cuja proteção ele era concebido como responsável (Pelta Resano, 2008).

A segunda omissão que merece ser destacada é a escassa atenção dada às doenças ocupacionais, para além de queixas musculoesqueléticas como hérnias e lombalgia. Inúmeras condições resultantes da atividade produtiva, como a intoxicação por metais pesados ou as pneumoconioses, não eram cobertas pela legislação aci-

dentária até meados do século XX, apesar do crescente uso de substâncias tóxicas nas atividades industriais e do aumento de processos geradores de poeira no trabalho de extração devido à mecanização da perfuração. Por conta das reivindicações do movimento operário internacional, o programa da Organização Internacional do Trabalho (OIT) desenvolvido após a Primeira Guerra Mundial abordou o problema das doenças ocupacionais (Tosstorff, 2005). De fato, alguns dos estudos técnicos da OIT ajudaram a legitimar cientificamente as aspirações operárias e a aumentar a conscientização entre alguns setores médicos quanto aos novos riscos ocupacionais (Weindling, 1995). Em 1925, consciente da limitada concepção de acidente na maioria das legislações nacionais, a OIT submeteu uma proposta de extensão do alcance da legislação de compensação para incluir as doenças ocupacionais. Apesar da abundante evidência científica disponível, a Conferência Geral da OIT adotou um acordo que incluiu apenas a intoxicação por chumbo e mercúrio e a infecção carbunculosa. Reclamações feitas pela delegação britânica referentes à natureza limitada da lista levaram a um comprometimento de revisar a convenção a cada cinco anos. A convenção foi finalmente revisada em 1934, quando silicose, intoxicações por fósforo, arsênico, benzeno e pelos derivados halogenados dos hidrocarbonetos graxos, assim como transtornos causados pela radioatividade e raios-x, foram adicionados à lista de doenças indenizáveis (OIT, 1982). A ratificação dessas convenções e sua transposição ao ordenamento jurídico dos estados variaram muito entre os países europeus, embora a inclusão de um número crescente de doenças ocupacionais tenha se acelerado após a Segunda Guerra Mundial.

HAVENARBEIDERS!



**VECHT IN DEN
CENTRALEN BOND
VOOR UW VEILIGHEID**

DRUKAARDEEL: J. B. VAN NELLE, ROTTERDAM

MAHN-JC

Cartaz 2

**Estivadores! lutem por sua
segurança com o seu sindicato.**

Holanda, Sindicato de
Trabalhadores do Transporte, 1927.

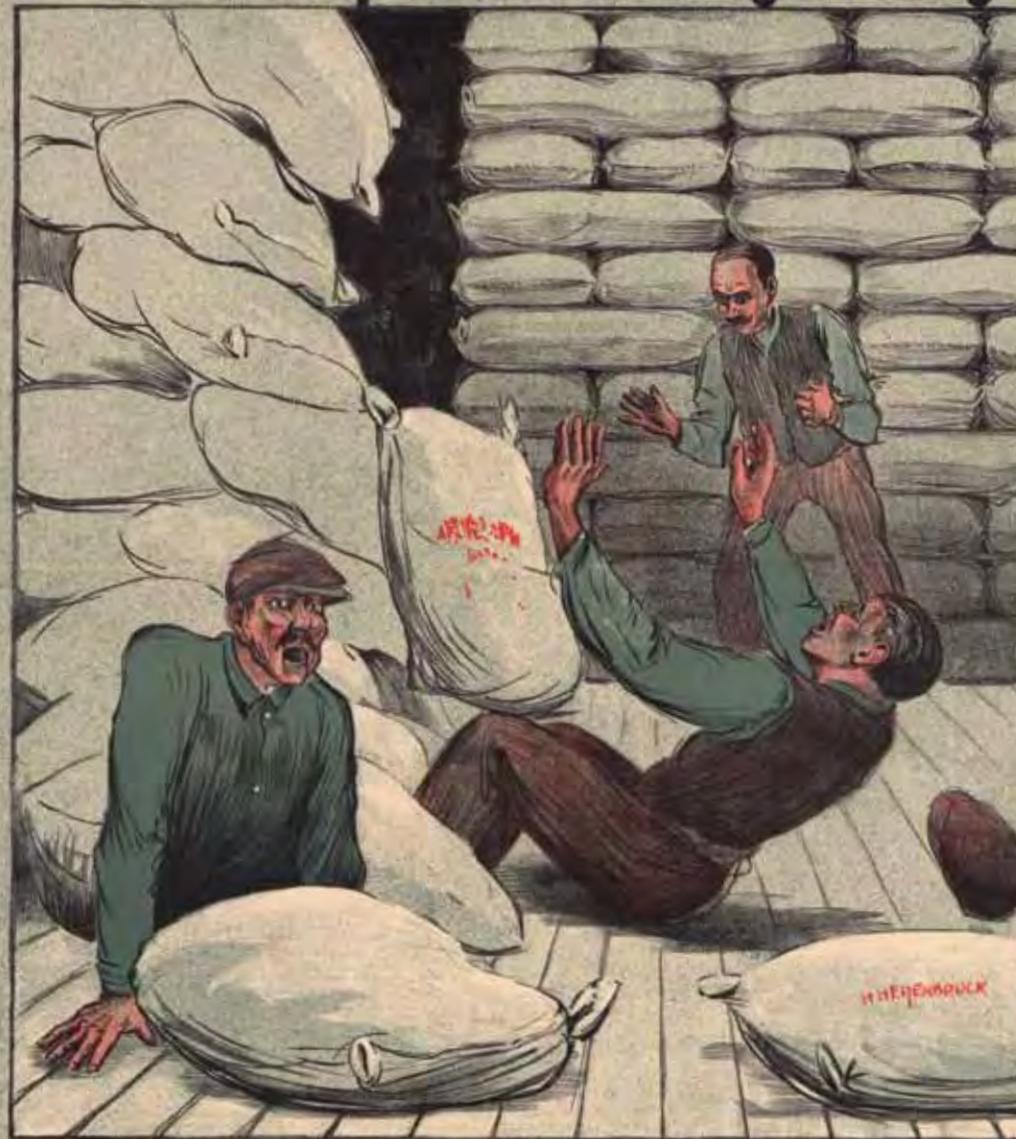
Designer/artista:

Hahn, J.C.

Fonte: International Institute of
Social History (Amsterdam)
– IISG E1/782.

Verkeerd stapelen is levensgevaarlijk

Nº 70



BEZOECT HET VEILIGHEIDSMUSEUM HOBEMASTRAAT 22, AMSTERDAM

DEZE PLATEN ZIJN VERKRIJGBAAR BIJ DE RADEN VAN ARBEID EN BIJ DE RISICO-BANK. PRIJS 30 CENTS

LITHE BLUWAARD & SARTORIUS, AMSTERDAM

Cartaz 3
**Empilhar inadequadamente
é perigoso.**

Holanda, Blikman & Sartorius, 1929.

Designer/artista:
Heyenbrock, Hernan.

Fonte: International Institute
of Social History (Amsterdam)
– IISG BG E11/760.



Cartaz 4
Máquinas de engarrafar sem dispositivos de segurança = 546 acidentes por ano.
Holanda, Platen-Comissie Secretariat, 1940.

Designer/artist: **Lavies, Jan.**

Fonte: International Institute of Social History (Amsterdam) – IISG BG E14/819.

Um bom exemplo da escassa cobertura de doenças ocupacionais pelos cartazes de prevenção é o da pneumoconiose, que emergiu como um dos principais problemas de saúde ocupacional no continente europeu no período entreguerras e após a Segunda Guerra Mundial. Devido ao grande número de trabalhadores expostos, ao óbvio impacto na saúde deles e aos processos pneumoconióticos serem irreversíveis, logo a prevenção foi percebida como a principal forma de intervenção sobre esse problema. A mineração de carvão na Grã Bretanha durante os anos 1920 empregava mais de 1.200.000 trabalhadores. Apesar de seu subsequente e gradual declínio, esse setor ainda empregava 700.000 mineiros nos anos imediatamente posteriores à Segunda Guerra Mundial. Os números oficiais de mortes por pneumoconiose dos mineiros de carvão na Grã Bretanha – uma das patologias resultantes da inalação de poeira de carvão e oficialmente reconhecida como passível de compensação em 1943 – são realmente assombrosos. Mais de 4.500 novos casos foram diagnosticados anualmente nas décadas de 1940 e 1950 e

houve mais de 1.200 mortes por ano apenas na Inglaterra e no País de Gales nos anos 1950. Somadas às mortes por acidentes nesse setor, quase uma de cada três mortes devido ao trabalho na Grã Bretanha nas décadas de meados do século XX ocorreram na indústria de mineração (McIvor; Johnston, 2007). No caso das minas de carvão francesas, o reconhecimento da silicose como doença indenizável em 1945 nos impede de conhecer sua incidência em períodos anteriores. Entre 1945 e 1987, os números oficiais eram de 40.000 mortes, os quais sem dúvida subestimam o verdadeiro impacto dessa patologia cujo alcance real calcula-se entre 80.000 e 120.000 mortes nesse período (Rosental; Devinck, 2007). Além da legislação atrasada, as dificuldades inerentes ao uso de cartazes para transmissão de processos causais complexos cujos efeitos só aparecem muito tempo após a exposição explicam a escassa representação de doenças ocupacionais como as pneumoconioses em cartazes de prevenção durante o período entreguerras (Menéndez-Navarro, 2012).



Cartaz 5
Solde sem riscos.
Holanda, Platen-Comissie
Secretariat, 1939.

Designer/artist: **Lukács.**

Fonte: International Institute of
Social History (Amsterdam) – IISG
BG E14/808.

Cartaz 6
Orden no trabalho.
Cada coisa em seu lugar.
 Espanha, Ministério do Trabalho,
 1925-1949.

Fonte: International Institute of Social
 History (Amsterdam)
 – IISG BG E28/576.





Cartaz 7
Tenha cuidado nas suas atividades.
Espanha, Ministério do Trabalho,
1925-1949.

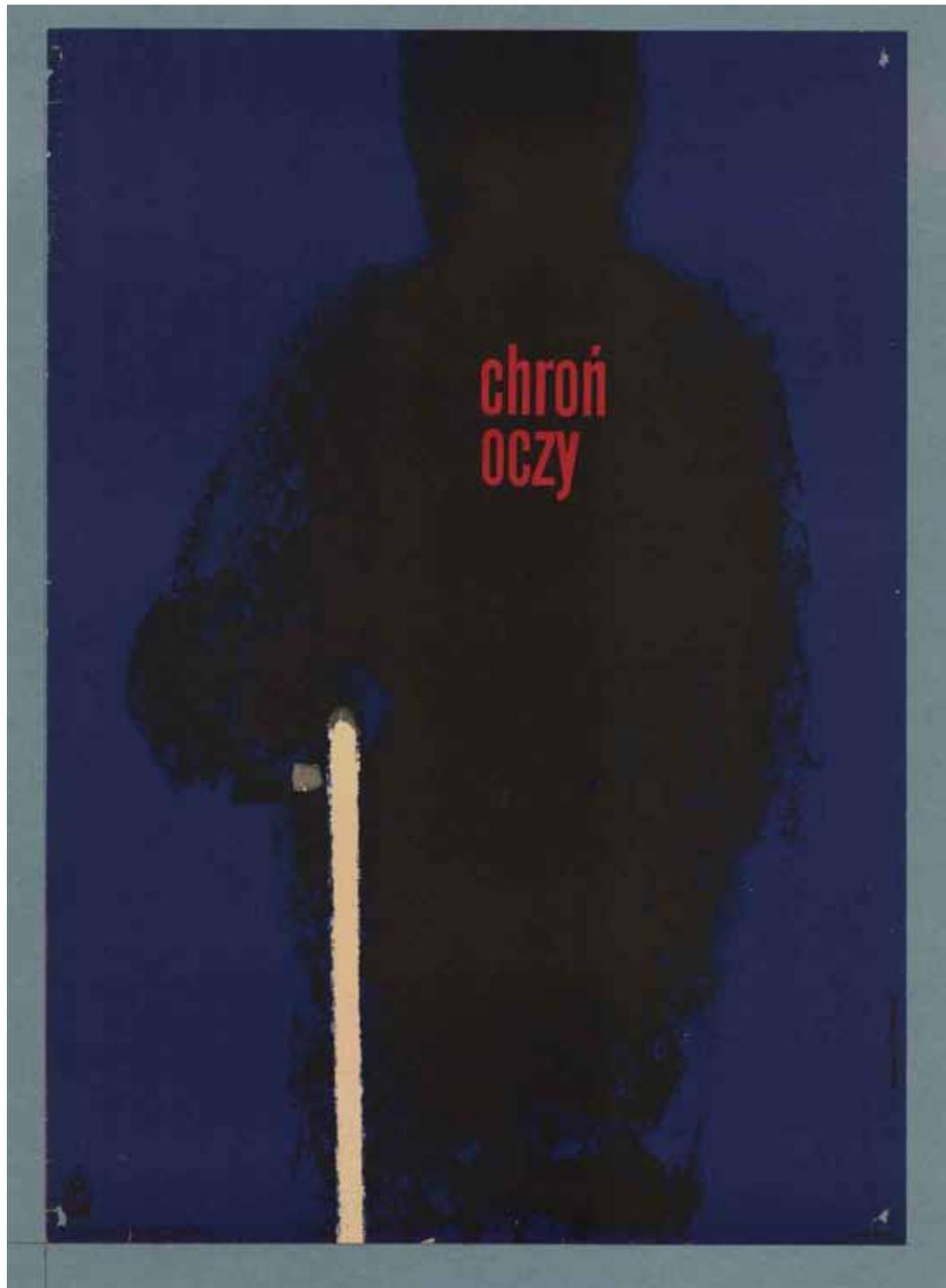
Fonte: International Institute of
Social History (Amsterdam)
– IISG BG E28/579.



Cartazes 8 | **Proteção dos olhos**



Cartaz 8a | **É melhor... Usar óculos do que bengala.** França
Fonte: International Institute of Social History (Amsterdam).



Cartaz 8b | **Proteja seus olhos.** Polônia
Fonte: International Institute of Social History (Amsterdam).



Cartaz 8c | **Antes os óculos do que a bengala. Proteja-se contra acidentes!** Hungria
Fonte: International Institute of Social History (Amsterdam).



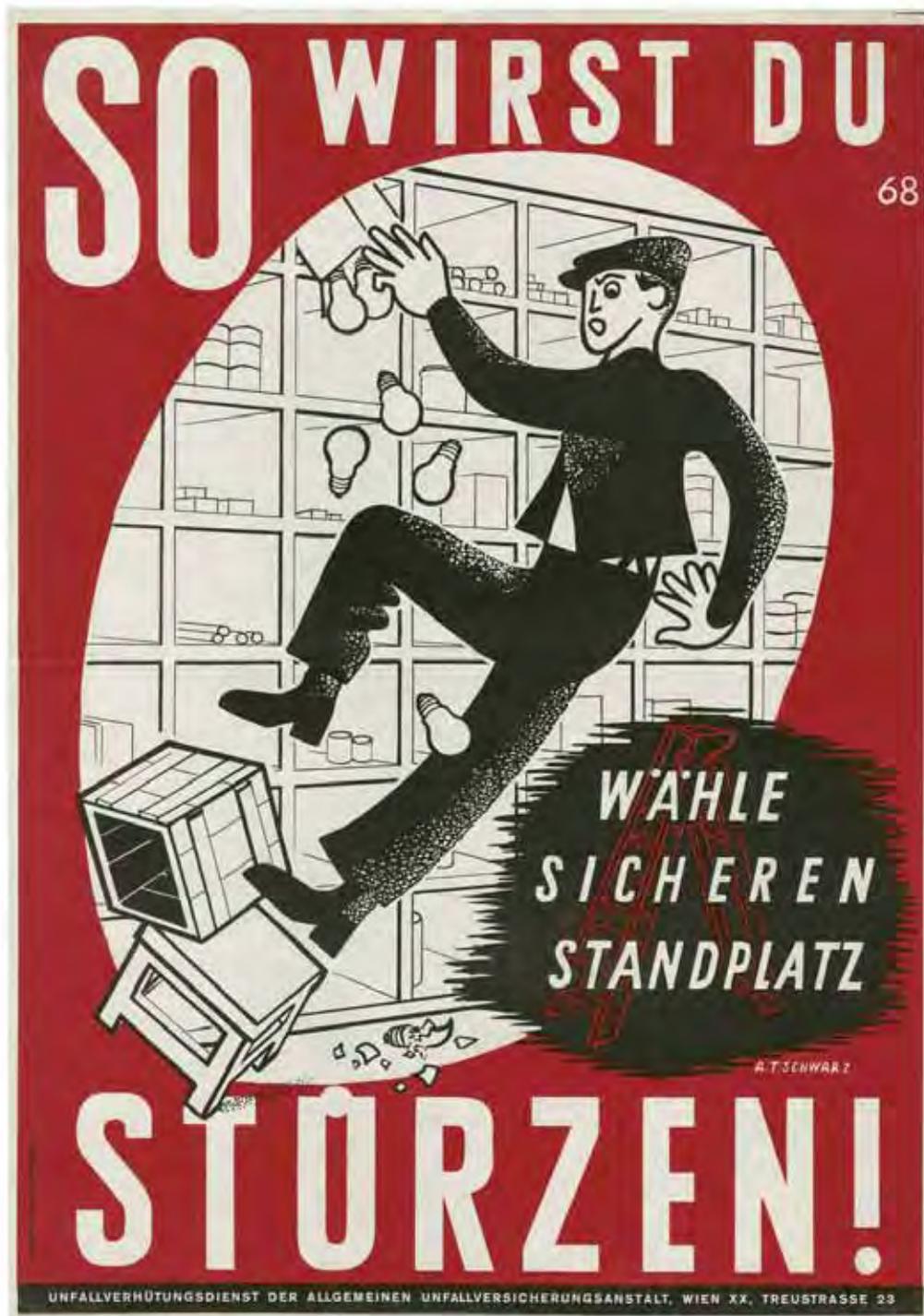
Cartazes 9 | **Prevenção contra acidentes e quedas**



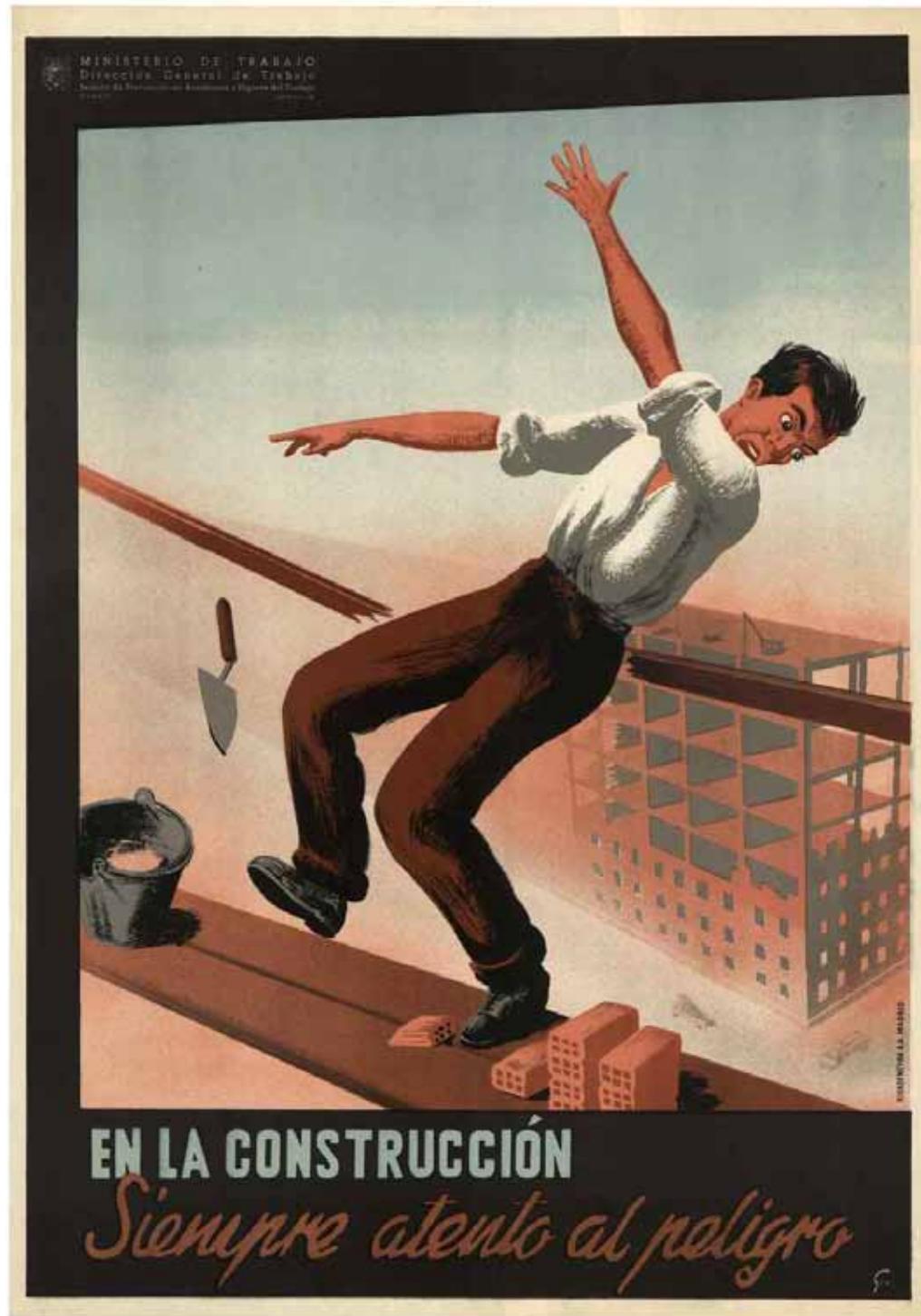
Cartaz 9a | **Ele não seguiu as regras.** Polónia
Fonte: International Institute of Social History (Amsterdam).



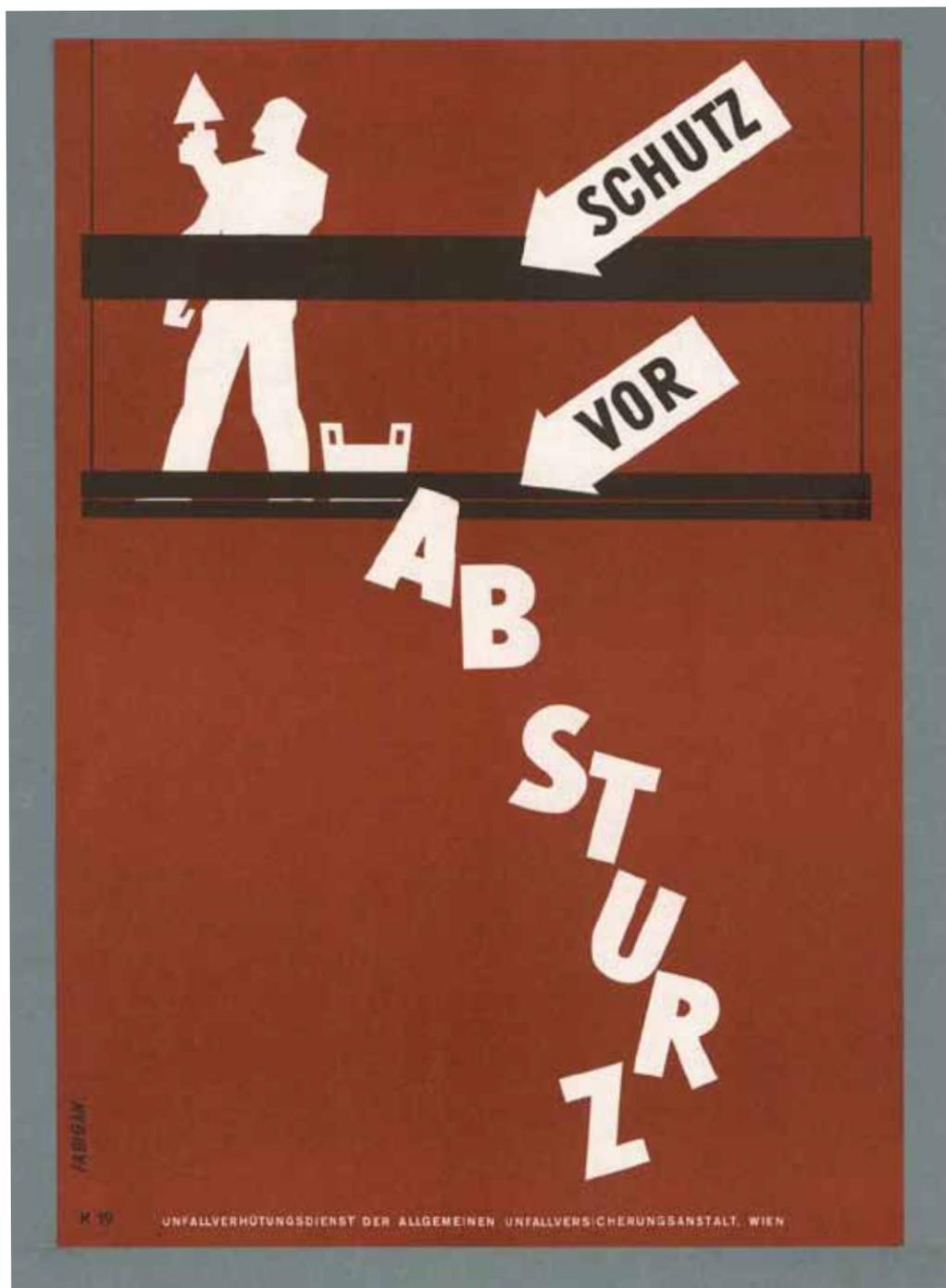
Cartaz 9b | **Mantenha o chão limpo! [Óleo] Limpe! Polvilhe areia ou serragem!** Polónia
 Fonte: International Institute of Social History (Amsterdam).



Cartaz 9c | **Escolha o suporte seguro. Senão você vai cair!** Áustria
Fonte: International Institute of Social History (Amsterdam).



Cartaz 9d | **Na construção, sempre atento ao perigo.** Espanha
Fonte: International Institute of Social History (Amsterdam).

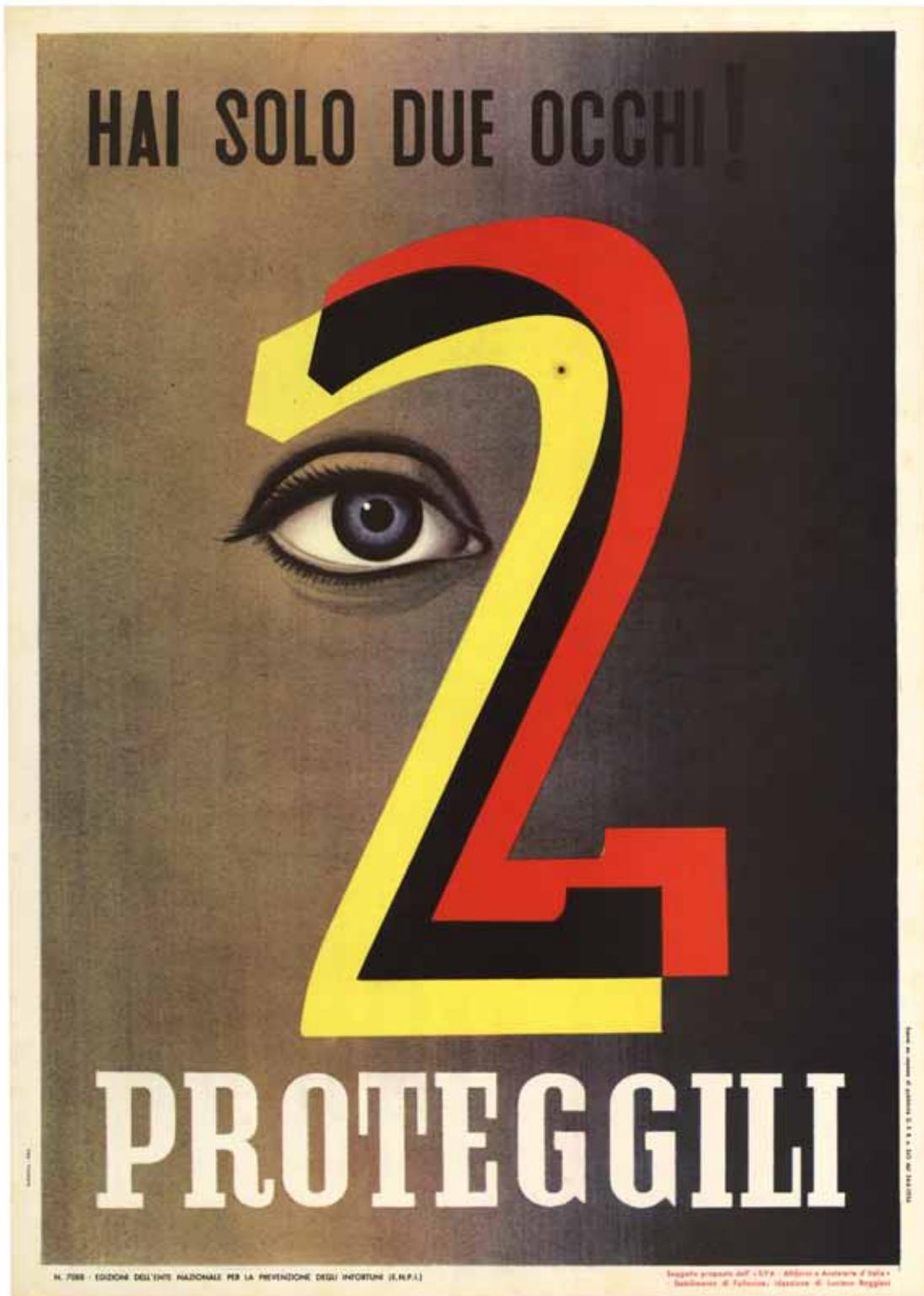


Cartaz 9e | **Proteção contra quedas.** Áustria
Fonte: International Institute of Social History (Amsterdam).

Cartaz 10
Você só tem dois olhos!
Proteja-os.
 Itália, Ente nazionale per la
 prevenzione degli infortuni,
 1952-1978.

Designer/artist:
Boggiani, Luciano.

Fonte: International Institute of
 Social History (Amsterdam)
 – IISG BG E23/769.



Capítulo 4

Continuidades nos cartazes de prevenção após a Segunda Guerra Mundial

A Segunda Guerra Mundial provocou mudanças profundas nas políticas sociais implementadas na Europa. As políticas de reconstrução somadas à relativa escassez de trabalhadores nas sociedades mais industrializadas levaram à maior ênfase na melhoria da saúde e do bem-estar da classe trabalhadora. A democratização do processo político e a força alcançada pelo movimento operário, que propiciou a entrada de partidos de esquerda em inúmeros governos de coalizão, foram fundamentais para alcançar melhorias substanciais em temas de segurança e higiene no trabalho e ao cumprimento das normas de prevenção (Sturdy, 2003).

Uma maior eficiência econômica na cobertura de riscos ocupacionais foi conseguida através da unificação de programas, da inclusão de novas despesas eventuais (incluindo doenças ocupacionais), da universalização da cobertura e da gestão pelo Estado. Somado a isso, o consenso pós-guerra possibilitou que os governos europeus adotassem políticas tributárias progressivas, com transferência de renda para setores mais desfavorecidos e com a cobertura universal dos riscos e dos serviços sociais, possibilitando o importante processo de nivelamento social ligado ao surgimento dos Estados de bem-estar social (Comín, 2010).

Contudo, as mudanças que ocorreram a partir dos anos 1950 rapidamente comprometeram esse novo *status* da saúde ocupacional, deteriorando as condições de trabalho de amplos setores da população trabalhadora europeia.

Em primeiro lugar, vários países experimentaram seus particulares “milagres econômicos”, baseados no desenvolvimento na indústria pesada e na incorporação em massa de trabalhadores no ambiente industrial. Na Itália,

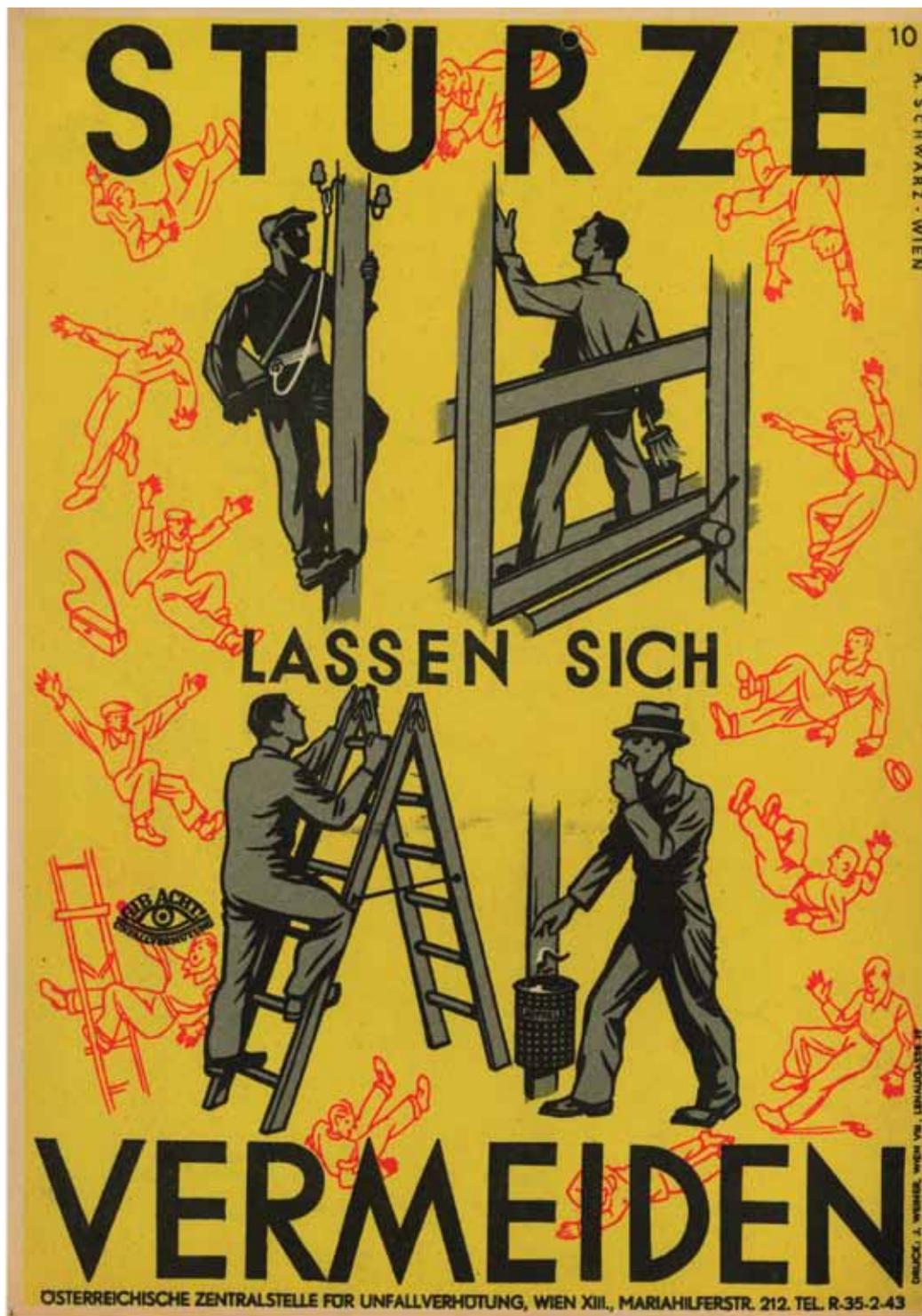
por exemplo, a atividade industrial empregava 29% da população economicamente ativa em 1951, passando a empregar 42% em 1971. Esse crescimento foi beneficiado pelo êxodo em massa de trabalhadores do meio agrícola, que no mesmo período teve reduzida a população economicamente ativa empregada de 44% para 18% (Laurell, 1984). As migrações em massa das zonas agrícolas deprimidas para áreas industriais em expansão formam um processo que se repetiu em outros cenários nacionais e também em escala internacional.

Em segundo lugar, o crescimento da competição internacional levou à mudança tecnológica, à mecanização e à intensificação dos regimes de trabalho como formas de aumentar a produtividade. A generalização de práticas tayloristas-fordistas em diversos setores produtivos provocou uma tendência de aumento dos ritmos e das cargas de trabalho, ao mesmo tempo em que reduzia a demanda por trabalhadores qualificados. O aumento dos acidentes de trabalho e da morbidade ocupacional nos anos 1960 foi um fenômeno que se repetiu pela Europa. Na Itália, por exemplo, o número de acidentes de trabalho aumentou em 15% entre 1960 e 1968, apesar de uma queda de quase 5% nas taxas de emprego, com um aumento de 110% nas doenças ocupacionais reconhecidas (Laurell, 1984).

Em terceiro lugar, na década de 1960 se iniciou um processo de deslocamento industrial de zonas altamente industrializadas para regiões europeias menos desenvolvidas, com mão de obra mais barata e menores taxas de sindicalização, o que permitiu reduzir os padrões de segurança e saúde no trabalho (Sturdy, 2003).

Os novos desafios enfrentados no âmbito da saúde ocupacional durante o período pós-guerra não tiveram uma repercussão imediata nos cartazes de prevenção. Uma parte significativa dos cartazes produzidos manteve uma clara continuidade com os padrões de representação empregados no período entreguerras. Trata-se fundamentalmente de cartazes produzidos por organismos estatais encarregados da prevenção de acidentes e/ou da gestão dos seguros sociais. O principal foco continuou sendo os riscos de acidente na atividade industrial. Tanto com o recurso mais convencional da linguagem figurativa ou com inovações no desenho, os cartazes continuaram a transmitir mensagens com um sentido inequívoco: a responsa-

bilidade por acidentes e por sua prevenção é do próprio trabalhador. A ênfase continuou a ser em como realizar as tarefas de forma segura, com indicações quanto ao uso de equipamentos de proteção individual, como capacetes, cintos de segurança, escadas, andaimes ou alças em carrinhos; ou informação relativas aos riscos que espreitavam no manuseio de determinado tipo de máquina. O cartaz produzido em 1959 pela Associação Nacional de Prevenção de Acidentes da Bélgica apresentava uma mão em um gesto acusador para lembrar o trabalhador de sua potencial responsabilidade pelos acidentes sofridos pelos colegas de trabalho (Cartaz 12).



Cartaz 11
Quedas podem ser evitadas.
Áustria, Secretaria Central de
Prevenção de Acidentes,
1950-1974.

Designer/artista:
Schwarz, A. Th.

Fonte: International Institute of
Social History (Amsterdam)
– IISG H2/311.

Cartaz 12
E se você for o culpado?
 Bélgica, Associação Nacional de Prevenção
 de Acidentes de Trabalho, 1959.
 Designer/artista: **Peretti, Calisto.**

Fonte: Mundaneum (Mons, Bélgica) – 00 000953.



Somente um dos cartazes incluídos na mostra é dedicado a riscos químicos. Produzido nas primeiras décadas do pós-guerra, esse cartaz austríaco mostra três frascos rotulados com substâncias tóxicas cujo reflexo eram três garrafas com a caveira mostradas em segundo plano, representando o risco de morte provocado por sua manipulação inadequada (Cartaz 15).

Por outro lado, após a Segunda Guerra Mundial houve um crescente uso do humor, da linguagem de quadrinhos e dos jogos de palavras visuais como veículos de mensagens preventivas. Uma tendência em grande medida resultante do trabalho desenvolvido, durante a guerra, pela Royal Society for the Prevention of Accidents (RoSPA) do Reino Unido. Fundada em 1917, essa associação transformou substancialmente suas abordagens comunicativas durante a Segunda Guerra Mundial, época em que a

prevenção de acidentes de trabalho foi concebida como um elemento chave no esforço bélico. Os cartazes confeccionados durante a guerra apostaram no humor, evitando o uso de imagens perturbadoras e duras de acidentes em uma tentativa de não serem contraproducentes (Pelta Resano, 2008). Talvez o melhor expoente desta tendência seja o cartaz produzido em 1957 pela própria RoSPA, no qual um desenho de um sorridente membro da Guarda Real inglesa com suas mãos enfiadas em imensas luvas permitia fazer chegar a mensagem de prevenção através de um jogo de palavras (Cartaz 13). Em outros, como o cartaz francês de 1973, a carga informativa relativa à magnitude do problema de acidentes de trabalho foi reforçada com o recurso nada cômico de uma lata de lixo transbordando com roupas e membros amputados de trabalhadores acidentados, gerando uma inequívoca mensagem sobre as expectativas humanas e econômicas destruídas pelo drama dos acidentes de trabalho (Cartaz 14).

Cartaz 13
Proteja suas mãos.
Reino Unido, RoSPA (Royal Society for the
Preventions of Accidents),
Londres, 1957

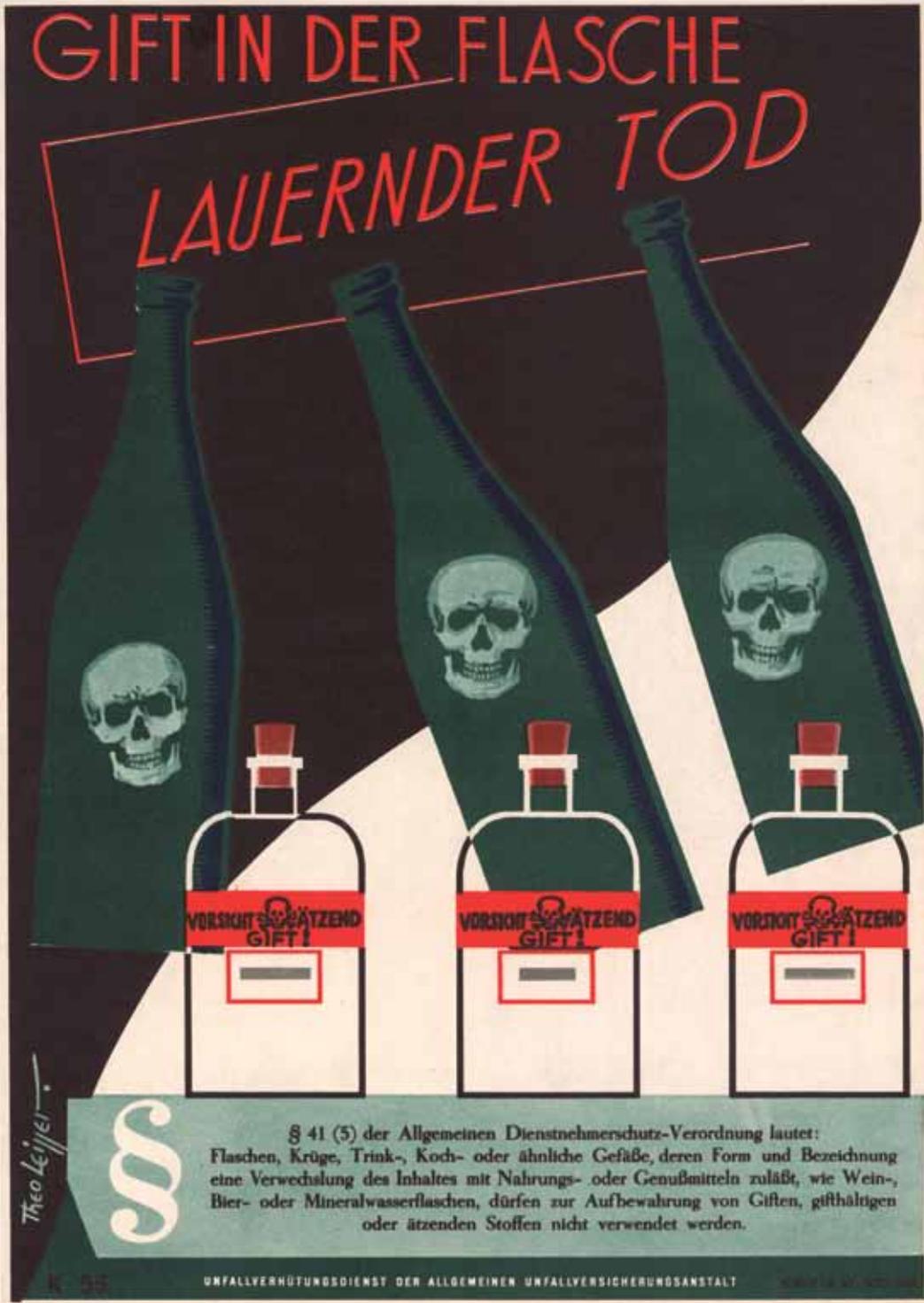


Fonte: International Institute of Social History
(Amsterdam) – IISG BG E29/197.



Cartaz 14
**148.406 acidentes
de trabalho em 1973.**
França, 1973.

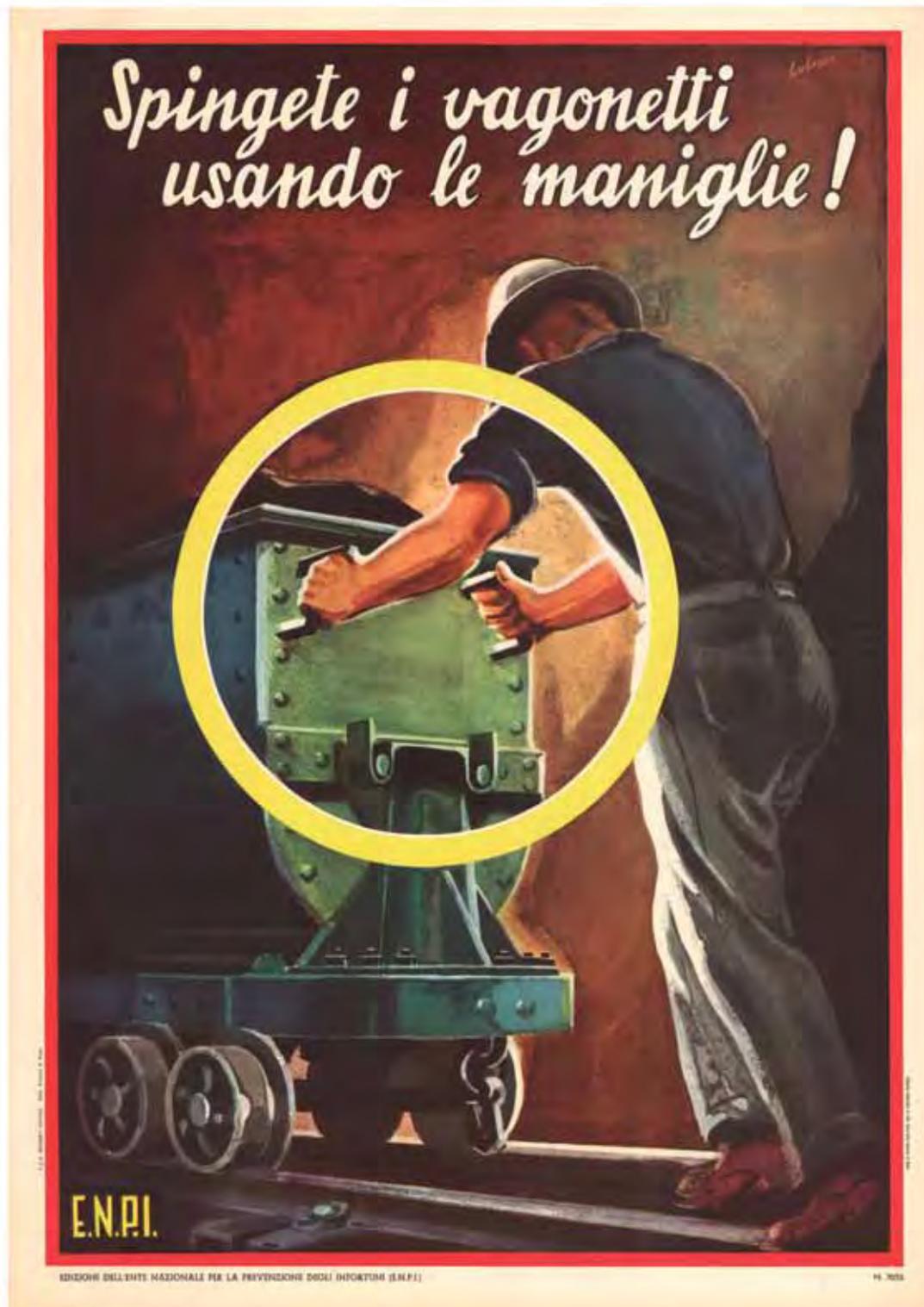
Fonte: International Institute of Social History
(Amsterdam) – IISG BG D38/986.



Cartaz 15
Veneno na garrafa – Morte à espreita.
 Áustria, Fundo de indenização dos trabalhadores, 1950-1974.

Designer/artist: **Leippert, Theo.**

Fonte: International Institute of Social History (Amsterdam) – IISG D31/862.



Cartaz 16

**Empurre os carrinhos
usando as alças!**

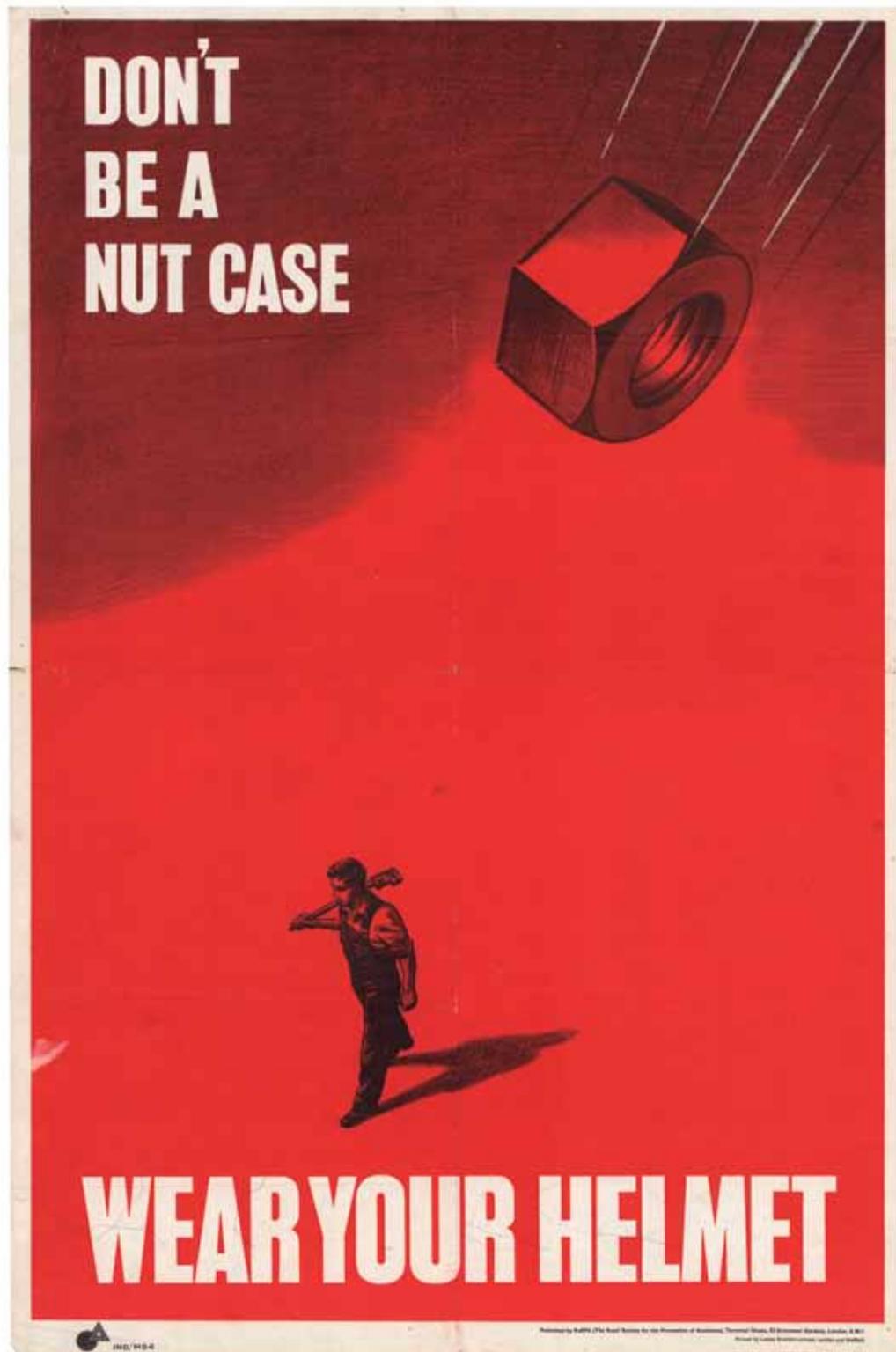
Itália, Agência Nacional de Prevenção
de Acidentes de Trabalho, 1950-1974.

Fonte: International Institute of Social
History (Amsterdam) – IISG BG E23/750.

Cartaz 17
Não seja louco³. Use seu capacete.
Reino Unido, RoSPA, Londres,
1950-1974.

Fonte: International Institute of Social
History (Amsterdam)
– IISG BG E29/214.

³Nota do tradutor: Aqui há um jogo de palavras com a imagem do cartaz. *Nutcase* é louco, maluco, e *nut* é porca (de parafuso). *Nut case* é, assim, um jogo de palavras com significado de *louco* e de *caso consequente de uma porca*.





Cartaz 18

Lubrificar máquinas pode ser perigoso. Tome cuidado!

Holanda, Instituto de Segurança, 1966.

Fonte: International Institute of Social History (Amsterdam) – IISG BG E1/924.

Cartaz 19
Sabe onde está seu colega Francisco?
Siga as recomendações de segurança
e evite operações incorretas!

República Tcheca [s.d].



**POZOR NA TECHNICKÝ STAV
 A NESPRÁVNNOU OBSLUHU!**



Cartaz 20
**Há perigo debaixo de cargas
suspensas.**

Alemanha, Associação Profissional
de Engenharia Elétrica e de
Precisão, 1967.

Designer/artist: **Kröll, Bruno.**

Fonte: International Institute of
Social History (Amsterdam)
– IISG BG D34/808.



Cartaz 21
Atenção! Evite o Acidente.

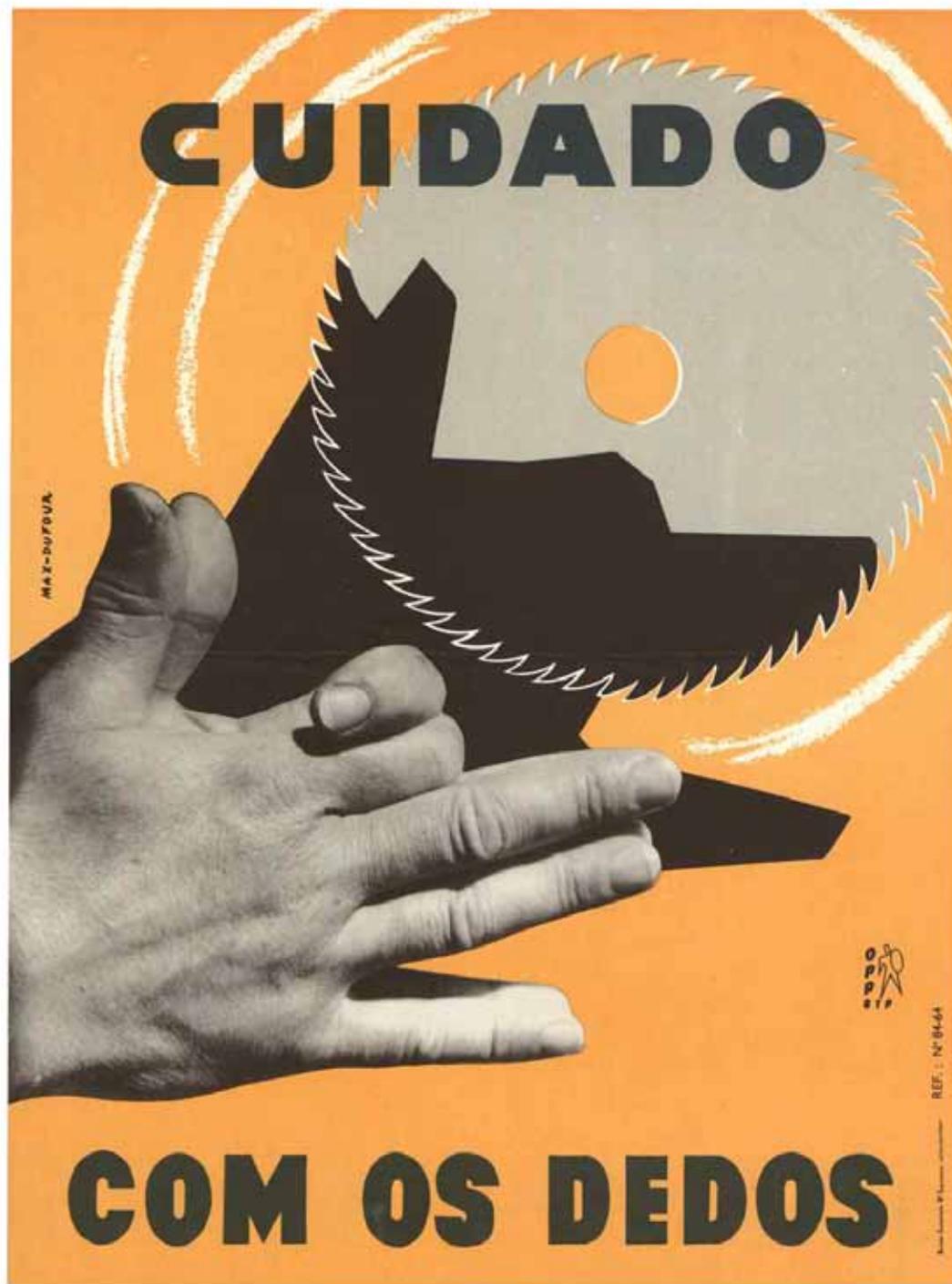
Portugal, Ministério do Trabalho, 1975-1999.

Fonte: International Institute of Social History
(Amsterdam) – IISG BG D56/385.

Obviamente, isso não significou abandonar as exortações à responsabilidade individual e à precaução pessoal como meios principais para evitar acidentes. A prevenção de lesões nas mãos, assim como problemas musculoesqueléticos, como dor nas costas, e o uso de capacetes para proteger a cabeça eram temas recorrentes nos cartazes do período. A mostra reúne diferentes cartazes em cada categoria de risco. Os cartazes relativos à proteção das mãos advertiam os operários do constante perigo relacionado ao uso de ferramentas ou máquinas

defeituosas, como as lâminas de serras, com frequência representadas como feras ameaçadoras (Cartazes 22). Os cartazes direcionados à proteção das costas indicavam como levantar objetos pesados de forma adequada, de acordo com princípios ergonômicos (Cartazes 23). O capacete foi amplamente usado como um símbolo de segurança. Enquanto alguns cartazes representavam a cabeça como uma parte frágil do corpo, portanto de vital importância proteger, outros a apresentavam como o exemplo de “refúgio” pessoal e familiar (Cartazes 24).

Cartazes 22 | **Proteção das mãos**



Cartaz 22a | **Cuidado com os dedos.** Portugal
Fonte: International Institute of Social History (Amsterdam).



Cartaz 22b | **Um dedo cortado... jamais cresce de novo. Use uma proteção.** França
Fonte: International Institute of Social History (Amsterdam).



Cartaz 22c | [sem título] Bélgica
Fonte: International Institute of Social History (Amsterdam).



Cartaz 22d | **Prolongamento da chave pode causar acidente.** Polônia
Fonte: International Institute of Social History (Amsterdam).

Cartazes 23 | **Proteção das costas**

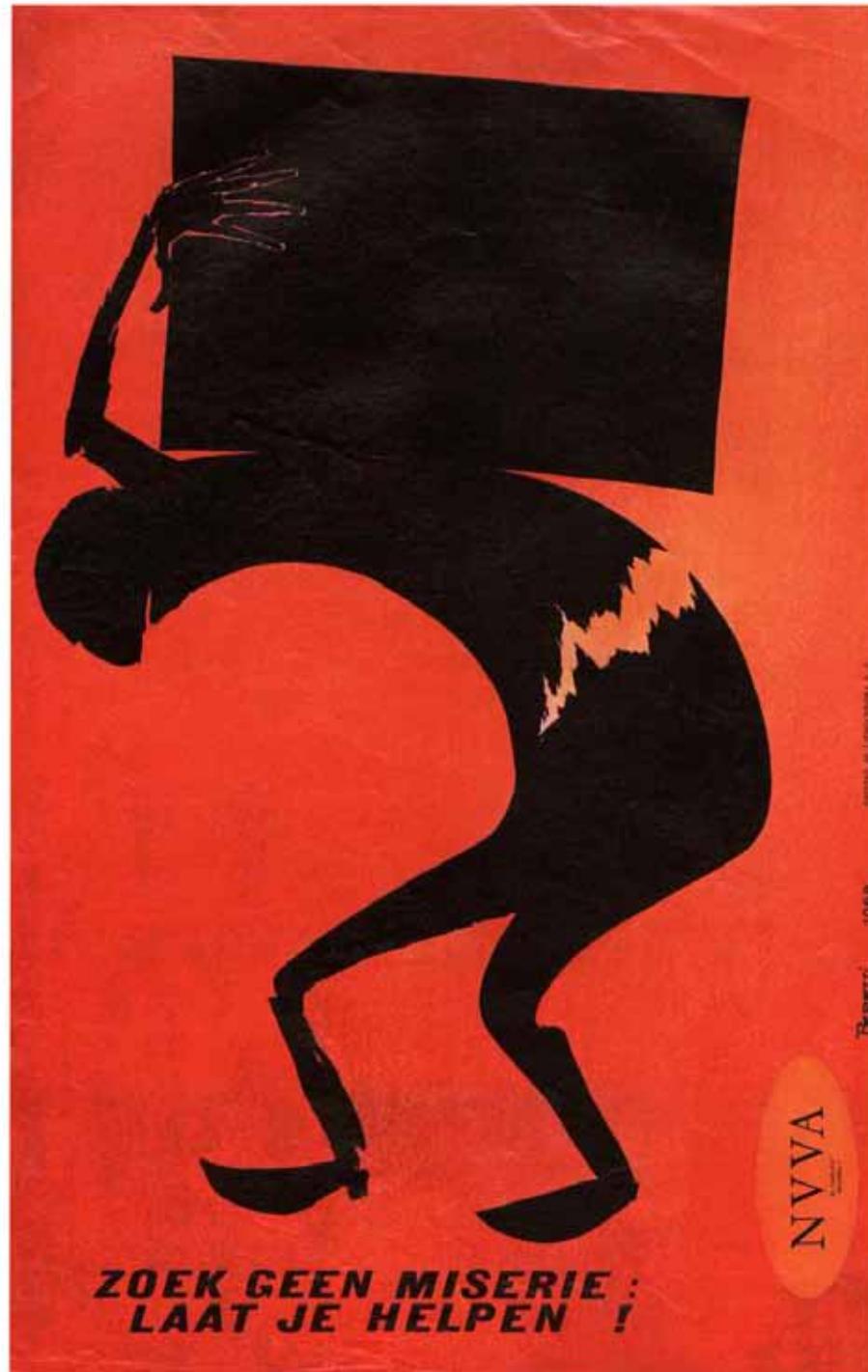




Cartaz 23a | **Evite lesões! Agache-se!** Alemanha
Fonte: International Institute of Social History (Amsterdam).



Cartaz 23b | **Como deveria ser.** Bélgica, Holanda e Luxemburgo
Fonte: International Institute of Social History (Amsterdam).



Cartaz 23c | **Não procure desgraça: deixe te ajudarem!** Bélgica
Fonte: International Institute of Social History (Amsterdam).



Cartaz 23d | **Assim. Assim não... Se devem levantar os pesos!** Itália
Fonte: International Institute of Social History (Amsterdam).



Cartaz 23e | **Postura de trabalho adequada?** Bélgica, Holanda e Luxemburgo
Fonte: International Institute of Social History (Amsterdam).

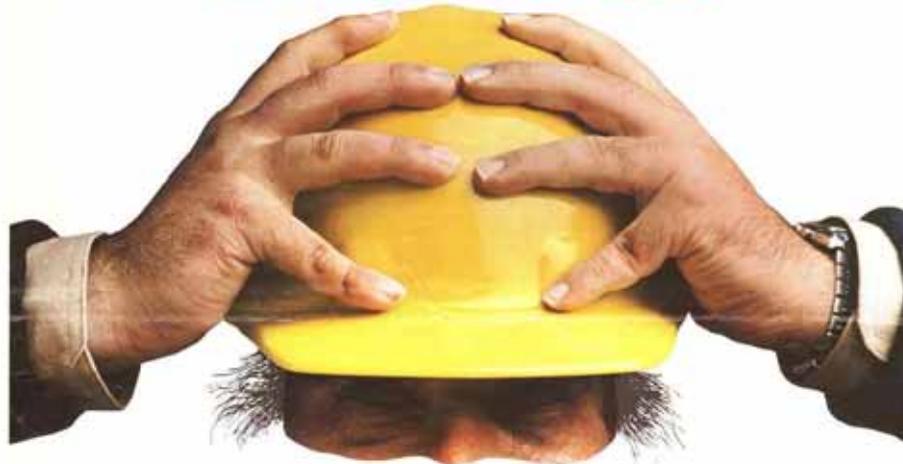


Cartaz 23f | **Cuide das costas!** Bélgica, Holanda e Luxemburgo
Fonte: International Institute of Social History (Amsterdam).

Cartazes 24 | **Proteção da cabeça**



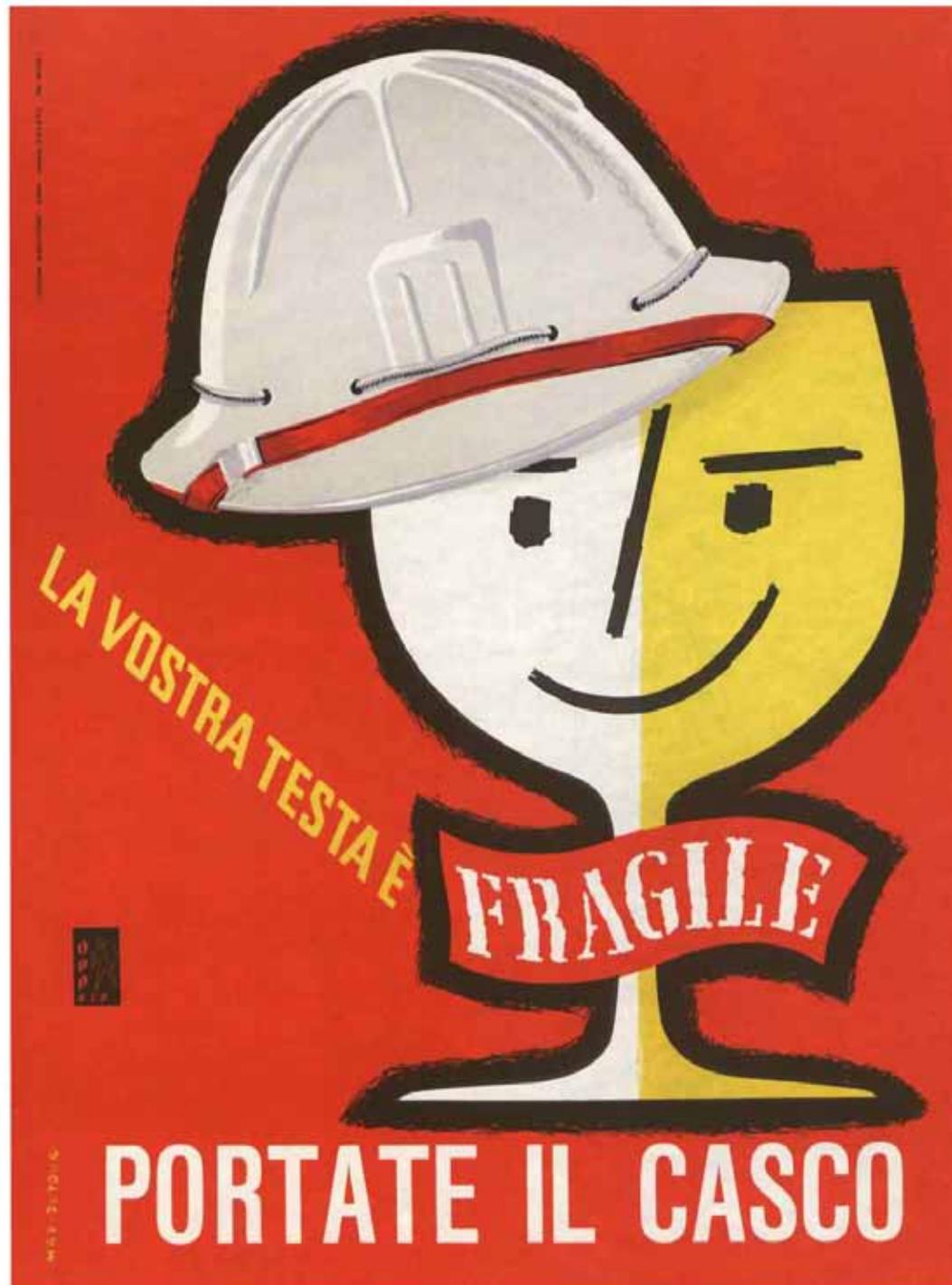
Use Your Head



Wear A Hat



Cartaz 24a | **Use sua cabeça. Use um capacete.** Alemanha
Fonte: International Institute of Social History (Amsterdam).



Cartaz 24b | **Sua cabeça é frágil. Use o capacete.** Itália
Fonte: International Institute of Social History (Amsterdam).



Cartaz 24c | **Não arrisque sua cabeça, use capacete de segurança!** Áustria
Fonte: International Institute of Social History (Amsterdam).

Schütze dich und deine Familie



Schutzhelm tragen!

Wirt. Bau-Gesellschaft

Cartaz 24d | **Proteja a si e a sua família, use capacete de segurança!** Alemanha
Fonte: International Institute of Social History (Amsterdam).



Cartaz 24e | **[sem legenda]** Holanda
Fonte: International Institute of Social History (Amsterdam).

Capítulo 5

Da “instrução” ao “protesto”: cartazes sindicais a partir do final dos anos 1960

A reação dos sindicatos europeus à deterioração das condições de trabalho nos anos 1960 possibilitou o aparecimento de cartazes que romperam com a tradição herdada do período entreguerras. Os cartazes produzidos pelos sindicatos usaram de forma inovadora elementos de protesto e denúncia dos riscos ocupacionais e das novas condições de trabalho. Eles expressaram perspectivas alternativas à concepção dominante de responsabilidade individual e possibilitaram a transmissão por esse meio dos velhos e novos problemas enfrentados pelos trabalhadores europeus.

Um dos primeiros expoentes dessa mudança foi o cartaz dinamarquês produzido em 1974 pelo grupo Røde Mor (Mãe Vermelha) (Cartaz 25). Fundado em 1969, esse coletivo político e artístico próximo à juventude de extrema-esquerda se inspirou na longa tradição da arte proletária europeia, particularmente na obra de Käthe Kollwitz

(1867-1945). Seus cartazes em geral consistiam de diversos painéis confeccionados por diferentes artistas, os quais refletiam sobre um tema ou situação política. Os acidentes e a morbidade no trabalho eram concebidos como produtos de um sistema social injusto e opressor, destacando o valor da solidariedade operária para enfrentar o problema.

Com uma estética similar, o cartaz do sindicato dos metalúrgicos dinamarquês oferece uma perspectiva ambivalente do uso de equipamentos de proteção individual. Embora sem questionar seu uso – de fato a legenda inferior convida a consultar os representantes de segurança –, o desenho do rosto do trabalhador com óculos de proteção e máscara transmite uma imagem de angústia que nos remete às limitações para o desempenho da atividade produtiva implicadas no uso desses equipamentos (Cartaz 26).

O Modelo Operário Italiano e a nova abordagem da saúde ocupacional

Sem dúvida, a ruptura mais profunda frente à perspectiva dominante dos riscos ocupacionais e de sua prevenção na Europa foi impulsionada pelo “modelo operário italiano” ou “modelo sindical”. Surgido em meados dos anos 1960 nas zonas industrializadas do norte do país, resultado da interação entre operários e cientistas a partir da realidade da fábrica, esse modelo alternativo se cristalizou no fim da década no seio da confederação sindical italiana CGIL (Laurell, 1984). O eixo central do modelo era a não delegação, isto é, não ceder o controle sobre as condições de trabalho e a defesa da saúde a especialistas, e a rejeição da monetarização do risco, ou seja, não aceitar o risco em troca de adicionais de periculosidade/insalubridade ou de indenizações por lesões. Tratava-se de uma proposta de pesquisa com participação ativa dos trabalhadores, os quais reivindicavam a autonomia de conhecimento como base para uma intervenção preventiva: “conhecer para intervir, intervir para melhorar”. Era, portanto, um método de produção de conhecimento para a ação (Bagnara et al., 1981).

O elemento-chave na gênese do conhecimento era a incorporação do saber e da experiência operária, assim como a necessidade de estabelecer uma relação dialética entre esse saber leigo e o saber especialista através da chamada “validação consensual” (Reich; Goldman, 1984). Assim, a aceitação ou não de determinadas situações de risco e das medidas preventivas a serem adotadas deviam ser acordadas entre trabalhadores e técnicos. O instrumento metodológico para analisar as condições de trabalho era

o mapa de risco, que foi rapidamente fagocitado como metodologia própria pela cultura especialista (García Gómez, 1994). A representação gráfica dos riscos e agravos à saúde identificados pelos próprios trabalhadores e mostrados nos locais de trabalho encorajava a participação operária, que via refletida nela seu estado de saúde e sua relação com a exposição aos riscos (Bagnara et al., 1981).

Na mostra de cartazes oferecemos um mapa de risco, isto é, a representação visual de um processo de trabalho e seus riscos e potenciais agravos à saúde, elaborado pela oficina de pintura da fábrica Mirafiori da Fiat em Turim (Cartaz 27). Os riscos do ambiente de trabalho aparecem classificados em quatro grupos, identificados por cores. O primeiro grupo, marcado em vermelho, compreende os fatores físicos presentes no ambiente dentro e fora da fábrica: temperatura, iluminação, ruído, umidade e ventilação. O segundo grupo, marcado em verde, engloba os fatores prejudiciais característicos da fábrica: poeiras, gases, vapores e fumos. O terceiro grupo, em amarelo, compreende a fadiga derivada do esforço físico e o quarto grupo, em azul, indica outros fatores responsáveis pelo cansaço e pela fadiga mental, como os ritmos, a monotonia, a repetitividade do trabalho, as posições desconfortáveis e, finalmente, a ansiedade e a responsabilidade. Esse agrupamento de fatores de risco permitia sintetizar o conhecimento especialista e a experiência operária da fábrica, gerando uma linguagem comum compartilhada por trabalhadores e especialistas (Laurell, 1984).

hvormeget skal vi finde os i?



spørg din

SIKKERHEDSREPRÆSENTANT

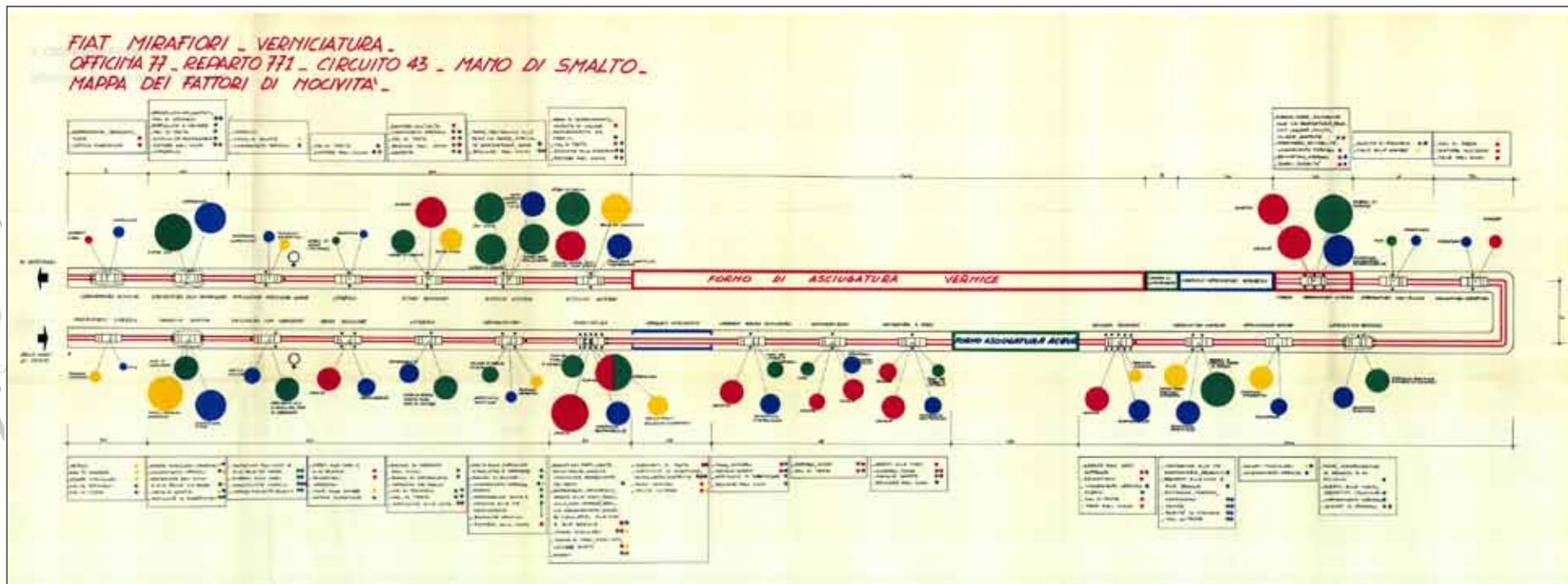
FORBEREDT
PÅ TILFALD
varelinjeborg.ald

Cartaz 26

**Quanto temos que suportar?
Pergunte a seus representantes de
segurança no trabalho.**

Dinamarca. Sindicato Dinamarquês dos
Metalúrgicos, 1950-1974.

Fonte: International Institute of Social History
(Amsterdam) – CSD BG D70/982.



Mapa de risco. Oficina de pintura, Fiat Mirafiori, Turim.

O Modelo Operário foi usado na maioria dos estudos e das lutas pela saúde do trabalhador desenvolvidos na Itália durante os anos 1970, sendo assimilado com variações por grupos sindicais de outros países europeus, representando estímulo e inspiração para a participação sindical na melhoria da saúde ocupacional (Cárcoba Alonso, 2007). O *slogan* que popularizou o Modelo Operário (“a saúde não se vende”) continuou a ser usado na Europa nos anos 1980, como mostra o cartaz selecionado, produzido em 1981 pela Confederação Europeia de Sindicatos (Cartaz 27).

As críticas ao fordismo e à automação

A indústria automobilística, um dos setores-chave do desenvolvimento industrial europeu, viveu grandes mudanças na natureza do trabalho em consequência da introdução de máquinas especializadas. A crescente automação implicou um deslocamento dos trabalhadores qualificados para a fabricação de ferramentas e para tarefas de manutenção, ao mesmo tempo em que um número crescente de trabalhadores pouco qualificados era posto para realizar tarefas repetitivas nas linhas de montagem e que os ritmos de trabalho eram intensificados. No caso da indústria automobilística francesa, assim como em outros países europeus, essa mão de obra pouco qualificada vinha principalmente do meio rural ou era formada por imigrantes (Fridenson, 1986).

Embora a posição sindical fosse ambígua nas primeiras etapas da mecanização, de 1947 em diante os sindicatos incluíram a crítica aos crescentes ritmos de produção entre suas demandas. Durante a década de 1950 e a primeira metade da década de 1960, protestos na indústria automobilística francesa foram mitigados pelo aumento real dos salários e da estabilidade de emprego, embora continuassem a existir formas de resistência operária à cronometragem nas linhas de montagem (Fridenson, 1986). Um crescimento acelerado na contratação de

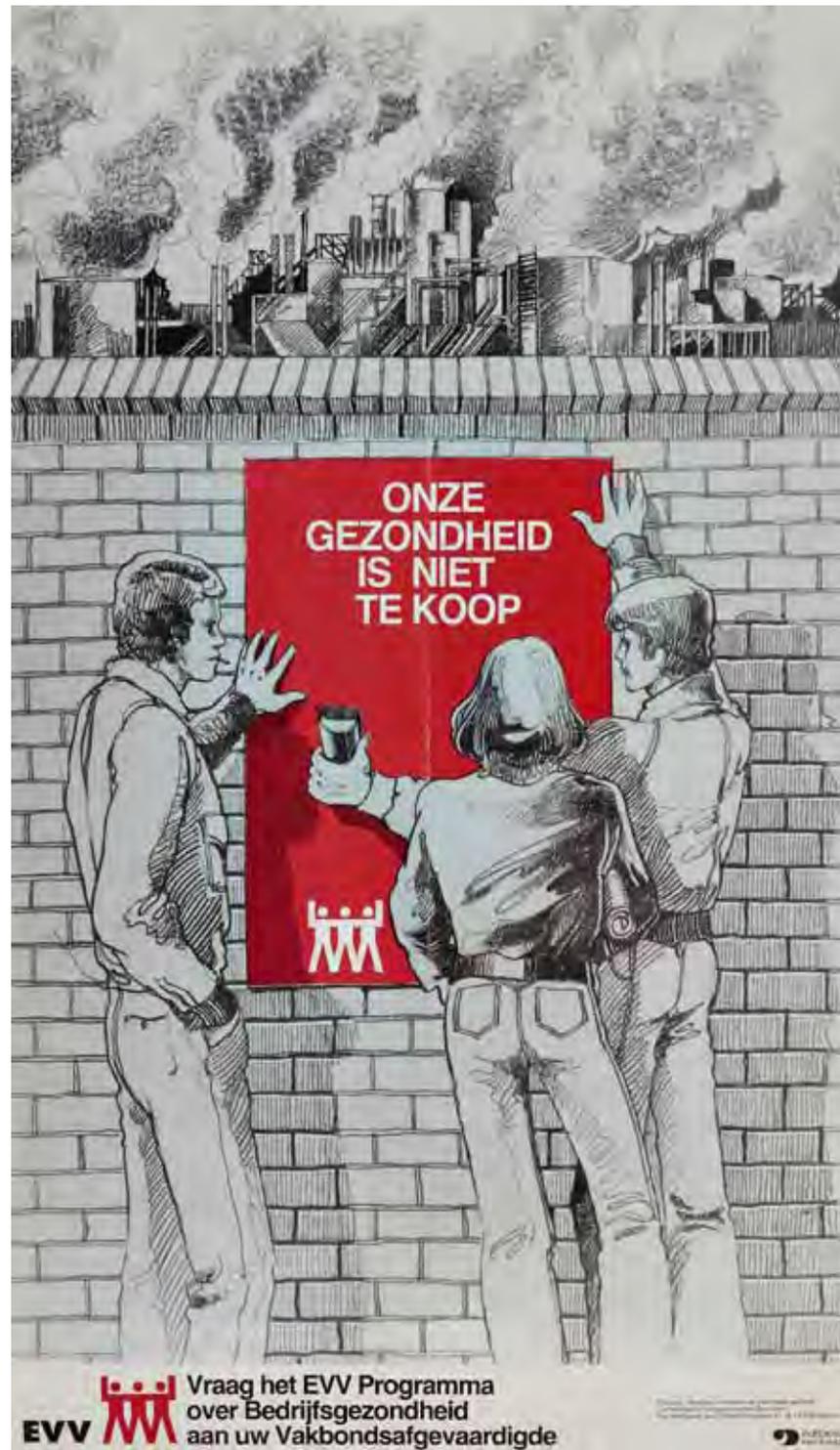
trabalhadores pouco qualificados a partir de 1965 levou à participação majoritária desse setor nas manifestações e greves gerais na França durante maio e junho de 1968. As reivindicações ultrapassaram a demanda por maiores salários, incorporando demandas por melhores condições de trabalho e denunciando os ritmos “infernais” impostos nas linhas de montagem (Fridenson, 1986). O cartaz selecionado é um dos muitos que continham esse *slogan* reivindicativo durante as manifestações de 1968. A maioria desses cartazes foram produzidos pelo Atelier Populaire de l'École des Beaux Arts em Paris, em maio e junho de 1968, em um cenário marcado pelo comprometimento de estudantes e artistas com o movimento operário (Cartaz 28).

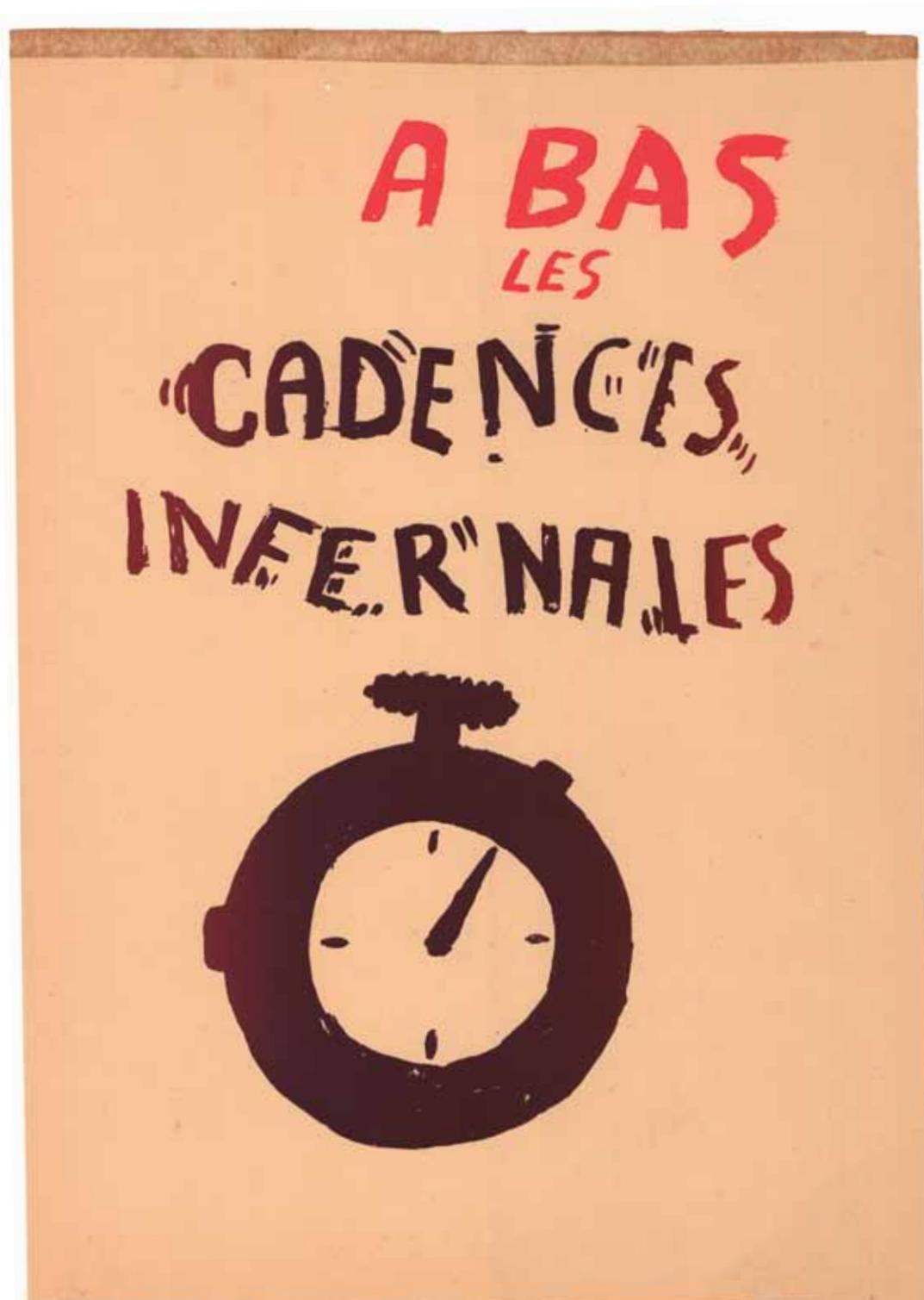
A automação continuou a ser um processo irrefreável na indústria europeia, sustentado pelo desenvolvimento tecnológico e legitimado pela busca de eficiência econômica e produtividade no marco da crescente competitividade internacional. As manifestações sindicais denunciaram tanto o poder de controle e disciplina que o uso de processos automatizados outorgava à direção da empresa, quanto a ameaça ao nível de qualificação dos trabalhadores, reduzindo-os a meras ferramentas ou robôs (Noble, 2001). Uma série de cartazes holandeses incluídos na nossa mostra trata desse tema (Cartaz 29).

Cartaz 27
A saúde não se vende.

Confederação Europeia de Sindicatos (CES), 1981.

Fonte: CES.





Cartaz 28

Abaixo as cadências infernais.

França, Atelier Populaire, Paris, 1968.

Fonte: International Institute of Social History (Amsterdam) – IISG BG D13/224.

A crise de 1973 e a partilha de trabalho⁴

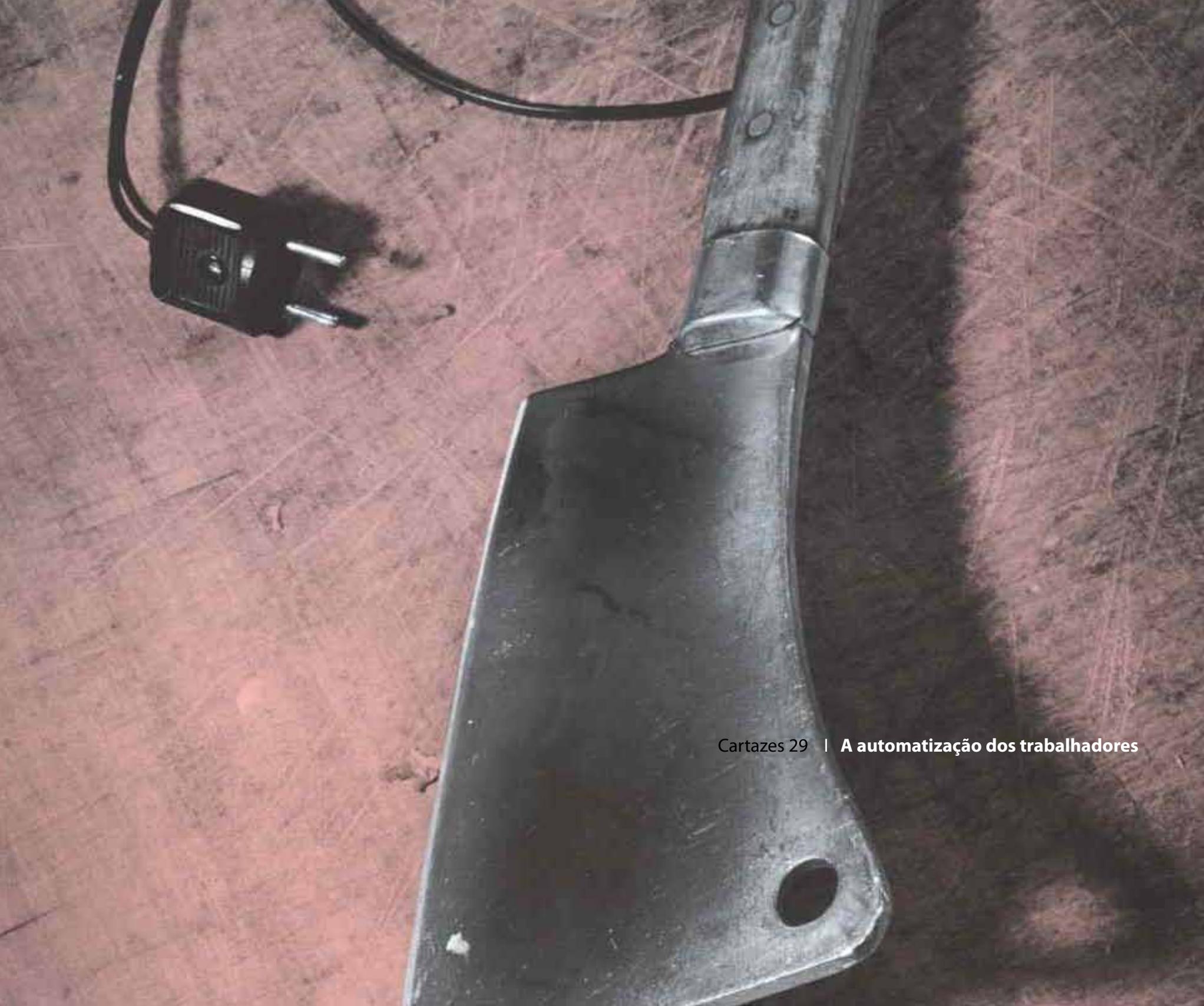
A diminuição da idade para aposentadoria e a redução da jornada de trabalho foram reivindicações operárias generalizadas na Europa na década de 1960. Eram justificadas inicialmente como forma de melhorar as condições de vida e a distribuição dos frutos do crescimento econômico. Após o Maio de 1968, a questão do tempo e do valor da aposentadoria se situou no primeiro plano da luta sindical na França. Além de ser defendida de forma independente pelas principais centrais sindicais francesas, como a Confédération générale du travail (CGT) e a Confédération française démocratique du travail (CFDT), a partir de 1970 se tornou uma das principais reivindicações sindicais unificadas. Entre os objetivos da ambiciosa campanha sindical, conduzida pelas duas centrais sindicais entre 1971 e 1972, estava a redução da idade de aposentadoria de 65 para 60 anos, o aumento do valor das aposentadorias e a mudança das condições de trabalho que provocavam o desgaste prematuro da saúde dos trabalhadores. As passeatas e as manifestações organizadas para esse intuito popularizaram alguns *slogans* que transmitiam a aspiração dos trabalhadores e dos sindicatos por uma distribuição social mais justa dos

benefícios do crescimento econômico vivido pela França na década anterior (Guillemard, 2000)⁵.

Entre 1964 e 1969, as reivindicações sindicais conseguiram uma redução de apenas 48 minutos na duração da jornada semanal de trabalho, ao passar de 45,9 para 45,1 horas de média (Guillemard, 2000), embora seja verdade que o crescimento econômico dos anos 1960 havia possibilitado certas conquistas, como a rápida extensão da quarta semana de férias retribuídas a mais de cinco milhões de trabalhadores do setor automobilístico no início da década (Bodiguel, 1969). A demanda pela redução da jornada de trabalho estava baseada, fundamentalmente, na melhoria das condições de trabalho. Os sindicatos franceses entenderam logo as dificuldades para alcançar avanços significativos nesse terreno e colocaram toda a ênfase em conquistar uma aposentadoria mais cedo e uma redução das horas de trabalho. O objetivo com essas demandas era limitar o impacto sobre os trabalhadores do trabalho intensivo e de suas condições alienantes no ambiente industrial (Guillemard, 2000).

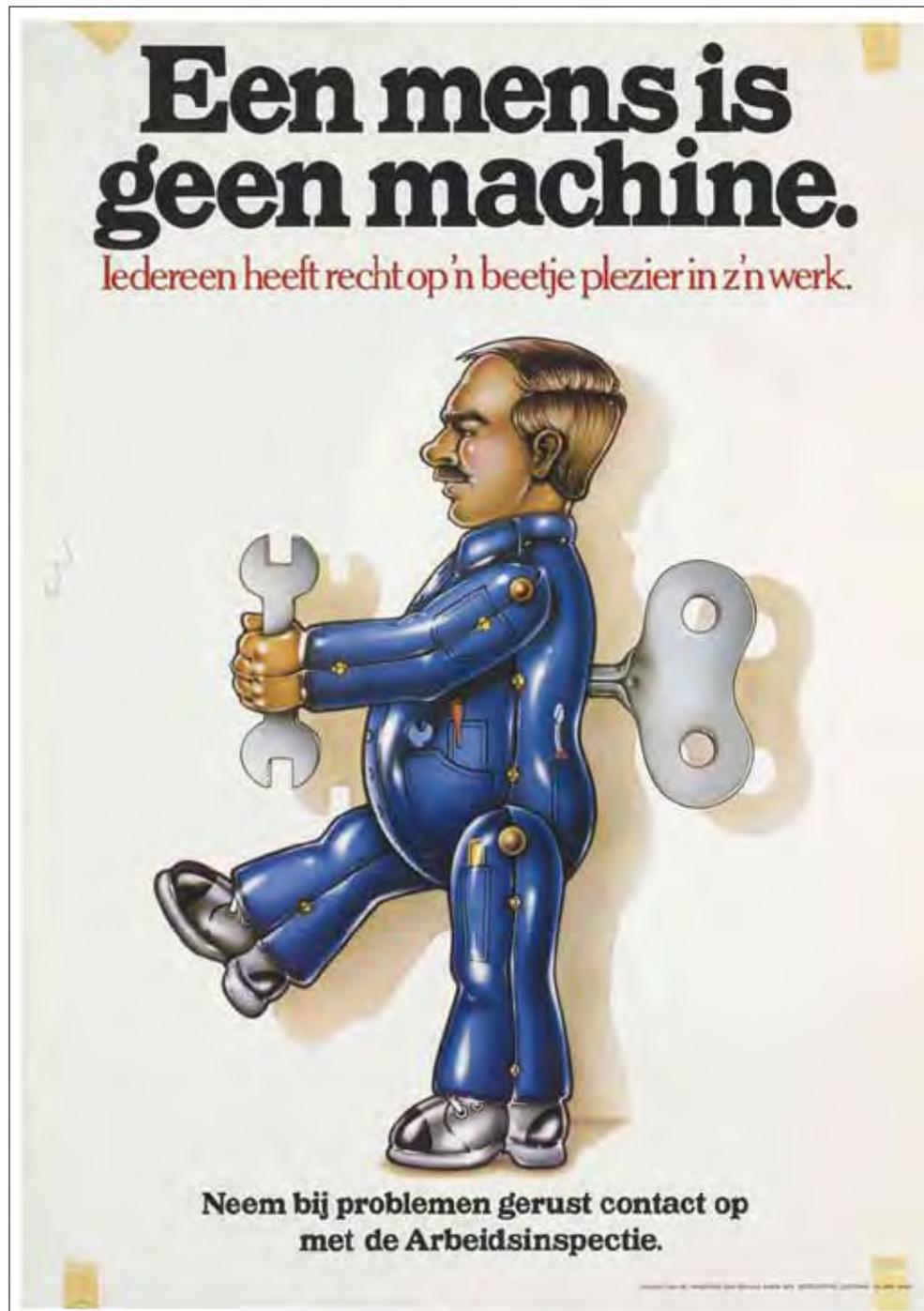
⁴ Nota do Tradutor: A partilha de trabalho ou de emprego é um arranjo contratual em que duas ou mais pessoas dividem um cargo ou posto antes ocupado por apenas uma pessoa. O tempo de trabalho é assim dividido entre essas pessoas. Entre os potenciais aspectos positivos da partilha de trabalho estão a diminuição do desemprego e o maior tempo livre para cada trabalhador.

⁵ Um dos *slogans* cantados pelos manifestantes durante a passeata realizada em Paris, em 27 de março de 1971, a qual teve a presença de mais de 30.000 trabalhadores e aposentados reivindicando uma idade menor para aposentadoria, era: *retraite dans un fauteuil, pas dans un caisson!* (“aposentadoria em uma cadeira de balanço, não em um caixão!”).

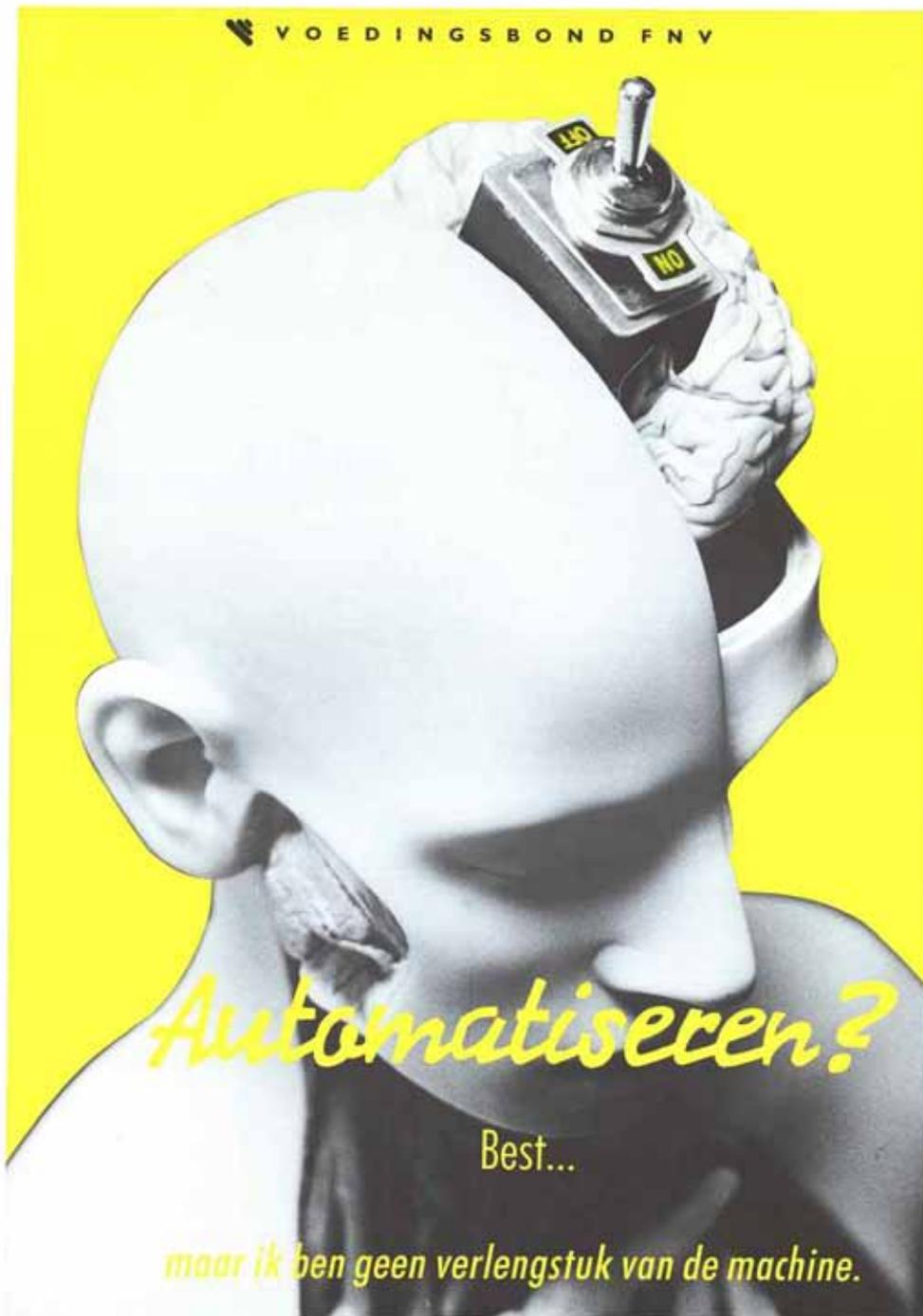




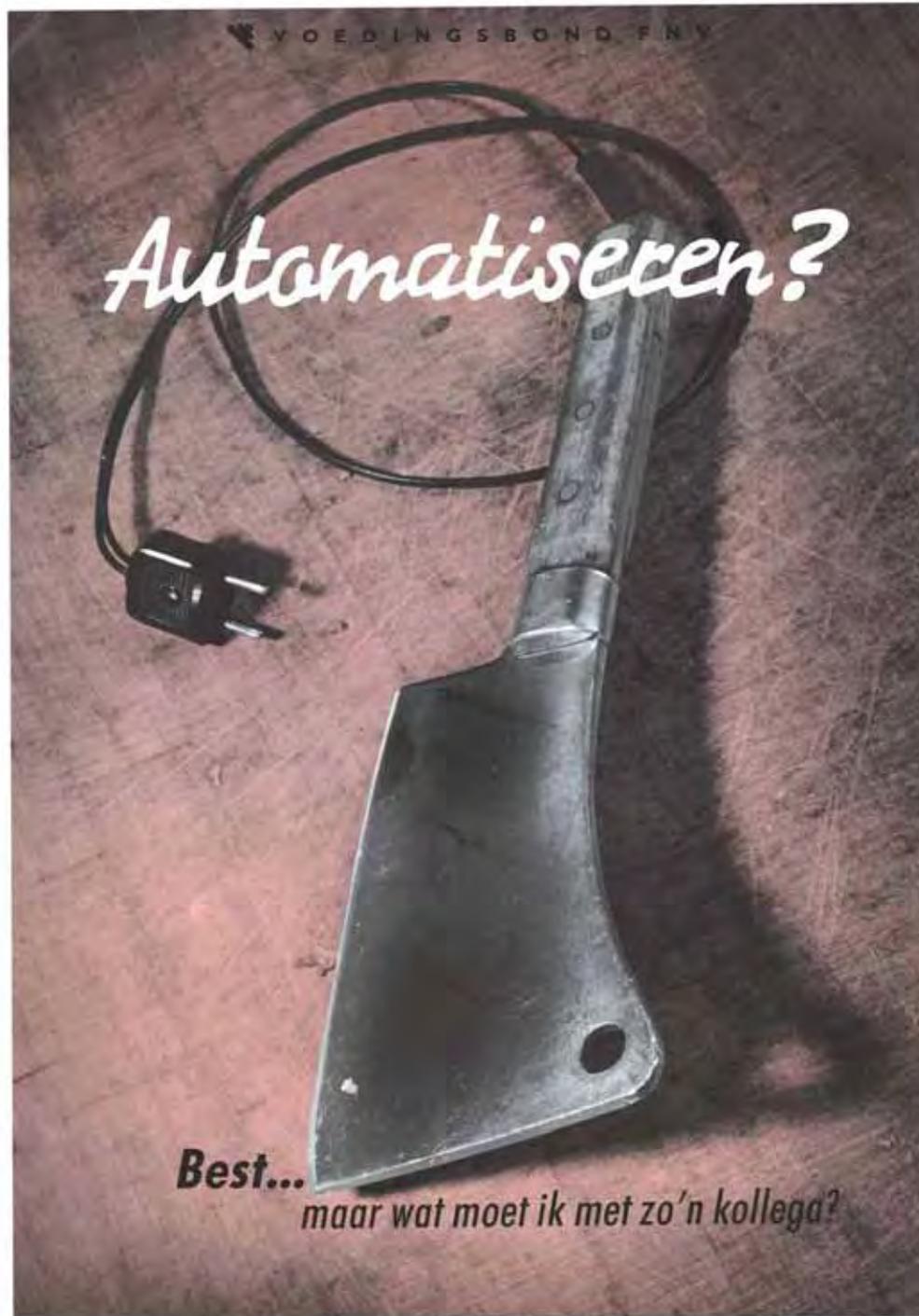
Cartaz 29a | **Não seja um robô. Trabalhe com segurança!** Holanda
Fonte: International Institute of Social History (Amsterdam).



Cartaz 29b | **Um homem não é uma máquina. Todo mundo tem direito a um pouco de prazer no trabalho. Em caso de problemas, não hesite em contatar a Inspeção do Trabalho.** Holanda
Fonte: International Institute of Social History (Amsterdam).



Cartaz 29c | **Automatizar? Tudo bem... Mas eu não sou uma extensão da máquina.** Holanda
Fonte: International Institute of Social History (Amsterdam).



Cartaz 29d | **Automatizar? Tudo bem... Mas o que eu tenho a ver com isso, colega?** Holanda
Fonte: International Institute of Social History (Amsterdam).

A crise do petróleo de 1973 e o subsequente aumento generalizado na taxa de desemprego na Europa ao longo da década alteraram substancialmente o panorama. Na França, a taxa de desemprego cresceu de 3% em 1974 para 10,5% em 1987. Esse aumento do desemprego ocorreu em grande parte à custa dos desempregados de longo prazo, que representavam 15% de todos os desempregados franceses em 1975 e 45% deles uma década depois (Ughetto; Bouget, 2001). Nesse contexto, a redução da jornada de trabalho e a redução da idade de aposentadoria para 60 anos eram consideradas não apenas medidas progressistas e de melhoria das condições de trabalho, mas também instrumentos para geração de empregos e de solidariedade operária. Através de ambas as medidas se esperava amenizar tanto o problema da vulnerabilidade e potencial exclusão social de trabalhadores de maior idade em situação de desemprego, os quais poderiam sair do mercado de trabalho em melhores condições, quanto acomodar o crescente número de jovens da geração *baby boom* do pós-guerra que buscavam emprego (Guillermad, 2000)⁶. A partilha de trabalho foi incluída no programa eleitoral do Partido Socialista Francês e inspirou a redução da

jornada de trabalho semanal para 39 horas, aprovada em 1982 (Boisard, 2004). Por sua vez, a idade de aposentadoria na França foi fixada em 60 anos em 1983, embora mecanismos tenham sido introduzidos desde os anos 1970 para facilitar a aposentadoria de desempregados acima de 60 anos de idade (Ben Salem et al., 2010).

A CFDT, uma central sindical de origem cristã que articulou sua ação durante a primeira metade dos anos 1970 em torno da autogestão operária (Mouriaux, 1992), foi uma das organizações sindicais que fizeram uma aposta mais decidida pela redução da jornada de trabalho, pela redução da idade de aposentadoria e pela melhoria das condições nas linhas de montagem. Esses objetivos são mostrados no cartaz produzido pela CFDT em 1975, no qual as medidas reivindicadas na legenda são justificadas pela necessidade de combater o desemprego: a redução dos ritmos nas linhas de montagem, a redução da jornada semanal para 40 horas – na época a média de trabalho semanal na França era de 42 horas (Lion, 1984) – e a redução da idade de aposentadoria para 60 anos no lugar dos 65 anos vigentes (Cartaz 30).

⁶ Outro *slogan* dos trabalhadores, nesse caso usado pela CGT em 1975, parece resumir essa mudança nos princípios da ação sindical: *il vaut mieux payer des retraités que des chômeurs* (“melhor pagar os aposentados do que os desempregados”).



Cartaz 30
**Pelo emprego. Reduzir as cadências.
40 horas por semana.
Aposentadoria aos 60 anos.**
Confédération française démocratique
du travail, 1975.

Fonte: International Institute of Social
History (Amsterdam) – IISG BG D16/339.

As doenças ocupacionais e a carcinogênese industrial

As doenças ocupacionais foram um dos temas que emergiram a partir dos anos 1980. Nenhum material atraiu tanta preocupação entre os trabalhadores europeus quanto o amianto ou o asbesto. A maior expansão do consumo de amianto na Europa foi registrada nas décadas de 1950 e 1960. No início, o aumento do consumo esteve ligado à reconstrução no pós-guerra. Os alertas de saúde surgidos nos Estados Unidos na década de 1970 levaram a uma queda de consumo na Europa, exceto na União Soviética (Virta, 2006).

Os primeiros riscos do amianto foram reconhecidos a partir dos anos 1930, como agente causador de pneumoconiose. Porém, o problema levantado pelo asbesto se transformou substancialmente no final dos anos 1960 e nos anos 1970, quando se alcançou o pleno consenso científico sobre o caráter cancerígeno do “mineral mágico”. Após a Segunda Guerra Mundial, em especial nos anos 1960, a preocupação com a carcinogênese industrial alcançou uma nova dimensão. A crescente apreensão internacional com a consequência ambiental fora da fábrica causada pela atividade industrial contribuiu para que se prestasse atenção ao impacto provocado pelos agentes cancerígenos no trabalho. Junto com as repercussões ambientais do uso em massa de pesticidas e da chuva ácida, a poluição industrial começou a ser considerada como um fator de risco importante para a saúde humana. A cobertura de “desastres” pela mídia, como o causado pela contaminação de mercúrio na Baía de Minamata, contribuiu para estimular a preocupação

da opinião pública dos países industrializados quanto ao impacto da atividade econômica e industrial na saúde da população, ao mesmo tempo em que tais temas entravam nas agendas da Organização Mundial da Saúde (OMS) e das Nações Unidas (Borowy, 2013). O primeiro acidente grave na indústria química europeia também ocorreu nesse contexto. Em julho de 1976, um acidente na planta química da ICMESA, nos arredores da cidade italiana de Seveso, gerou uma nuvem tóxica que afetou a população, expondo-a aos níveis mais elevados de dioxinas já registrados (Centemeri, 2014). Em 1982, a União Europeia adotou a chamada Diretiva Seveso (82/501/EEC) relativa a acidentes graves em determinadas indústrias.

A preocupação com patologias degenerativas em países industrializados e com os efeitos da poluição industrial criaram o cenário propício ao estabelecimento do consenso internacional em torno do potencial carcinogênico do amianto. Momentos de destaque na construção desse consenso foram os dois encontros multidisciplinares ocorridos em 1972 e 1976 para avaliar o efeito cancerígeno do amianto. Esses encontros foram organizados pela Agência Internacional para Pesquisa em Câncer (International Agency for Research on Cancer – IARC), criada em 1965 como agência especializada da OMS com sede em Lyon.

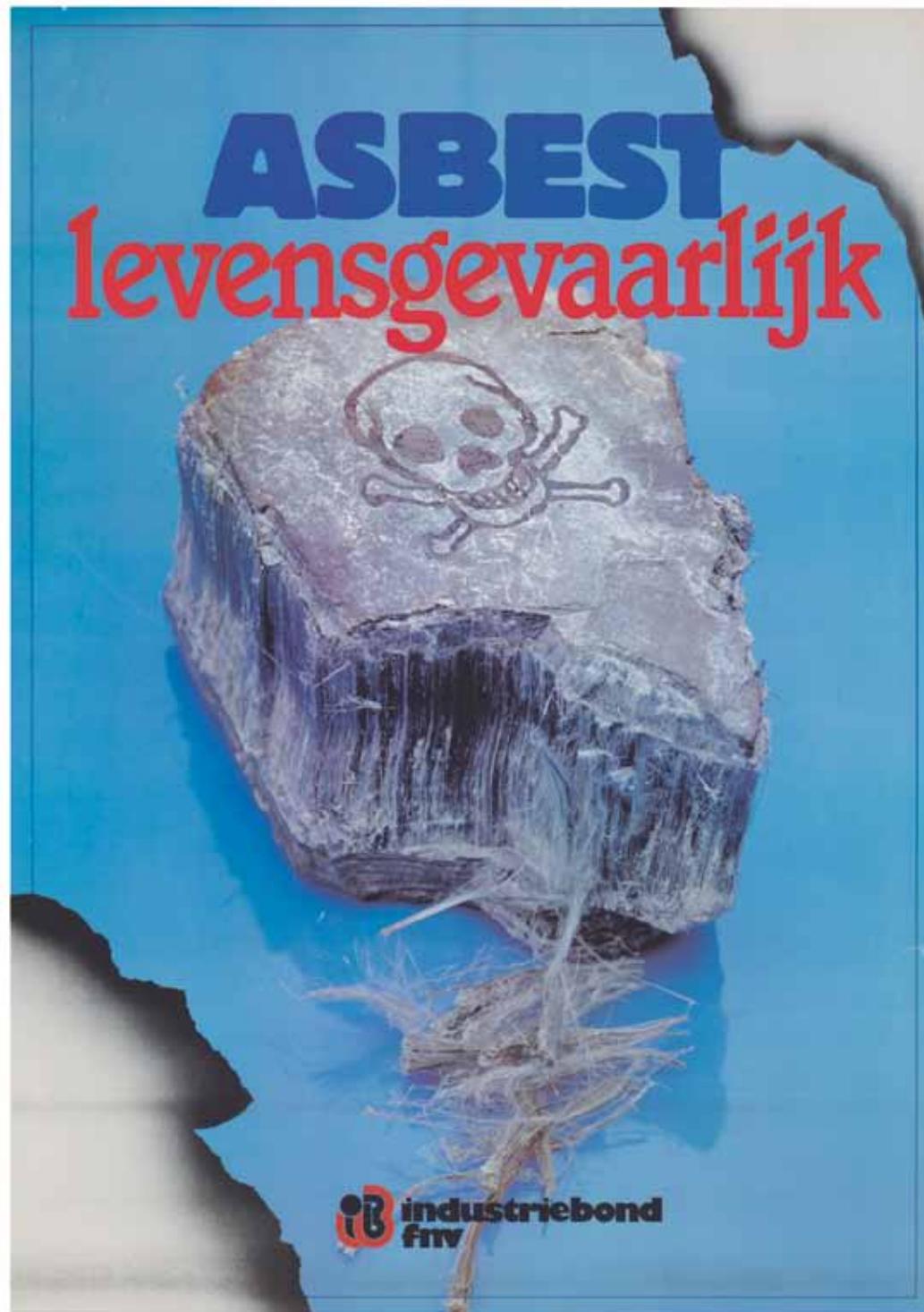
No primeiro desses encontros (outubro de 1972), a influência da pesquisa científica financiada pela indústria

ficou clara. Sua estratégia era criar incerteza científica sobre o potencial cancerígeno da crisotila (o amianto branco), que representava mais de 85% do consumo mundial de amianto (Tweeddale; McCulloch, 2004). Por outro lado, a crocidolita e a amosita (amianto azul e marrom respectivamente) foram consideradas inteiramente responsáveis pela produção dos cânceres descritos entre trabalhadores e a população exposta. As conclusões desse primeiro encontro foram bastante cautelosas. De uma perspectiva epidemiológica, a contribuição mais relevante foi a constatação do maior risco de desenvolver um carcinoma broncogênico entre fumantes expostos a amianto no trabalho. Porém, no encontro ocorrido em dezembro de 1976, a IARC adotou uma posição categórica de que todos os tipos de fibra de amianto poderiam causar mesotelioma e carcinoma pulmonar, rejeitando a possibilidade de definir limites de exposição seguros (IARC, 1977). A declaração da IARC foi decisiva para a progressiva inclusão nas diferentes legislações nacionais de cânceres relacionados ao amianto como riscos indenizáveis, assim como para a adoção de normas de segurança mais rigorosas e para o planejamento de campanhas de sensibilização pelos sindicatos europeus, os quais articularam em torno do câncer industrial suas lutas contra a invisibilidade das doenças ocupacionais.

O cartaz incluído na mostra foi produzido na Holanda em 1981 pelo Sindicato dos Trabalhadores da Indús-

tria (Industriebond FNV). O consumo de amianto na Holanda aumentou a partir da década de 1930 devido a sua aplicação como isolante na construção naval. Após a Segunda Guerra Mundial, as importações cresceram para cerca de 20.000 toneladas anuais na década de 1960, atingindo seu máximo em 1978, com 50.000 toneladas, sendo utilizado principalmente na indústria de fibrocimento (Virta, 2006). A asbestose foi reconhecida como doença indenizável em 1949, e o mesotelioma em 1968. Em 1978, seguindo o ditame da IARC, a Holanda introduziu regulamentos industriais mais rigorosos, reduzindo os níveis máximos permitidos e proibindo a crocidolita e o amianto pulverizado. Após adaptar os regulamentos às normas europeias em 1988, a Holanda banuiu, em 1993, o processamento e a importação de amianto (Swuste et al., 2004). Contudo, a mortalidade por mesotelioma pleural cresceu firmemente de 1969 a 1998, período em que se registraram 5.526 falecimentos por essa causa (Segura e tal., 2003).

O cartaz incluído na seleção mostra um pedaço de crisotila com uma caveira impressa, com as fibras avançando na direção do observador. Devido à abrangência do sindicato que produziu o cartaz (Van Voorden, 1992), ele parece destinado aos trabalhadores que manuseiam o mineral bruto. Embora sua natureza cancerígena não seja mencionada, a crisotila é apresentada como um risco mortal (Cartaz 31).



Cartaz 31

Amianto = perigo.

Holanda, Confederação Sindical da
Holanda, 1981.

Fonte: International Institute of Social
History (Amsterdam)
– IISG BG D3/809.

A dificuldade para transmitir através de cartaz riscos que, como o cancerígeno do amianto, possuem um longo período de latência ou cuja prevenção exige a adoção de medidas estruturais de prevenção também aparece em outros cartazes incluídos na mostra. Exemplo é o cartaz polonês produzido pelo CIOP (Centralny Instytut Ochrony Pracy, ou Instituto Central de Proteção no Trabalho), o qual clama por medidas de controle efetivas contra a poeira, embora a imagem remeta à ação individual em termos tanto de reivindicação por prevenção, quanto de sua implementação. Os riscos químicos são representados em um

cartaz da mesma procedência. Ele joga com o símbolo químico do dióxido de enxofre (SO_2), convertendo-o em uma chamada de socorro (SOS) devido ao perigo à saúde que representam as substâncias químicas manipuladas no ambiente de trabalho e lançadas na atmosfera, conseqüentes de processos industriais ou do consumo de combustíveis fósseis (Cartazes 32, 33).

Os riscos ligados a problemas posturais e ao trabalho com telas de visualização também são tratados na nossa mostra (Cartaz 34).

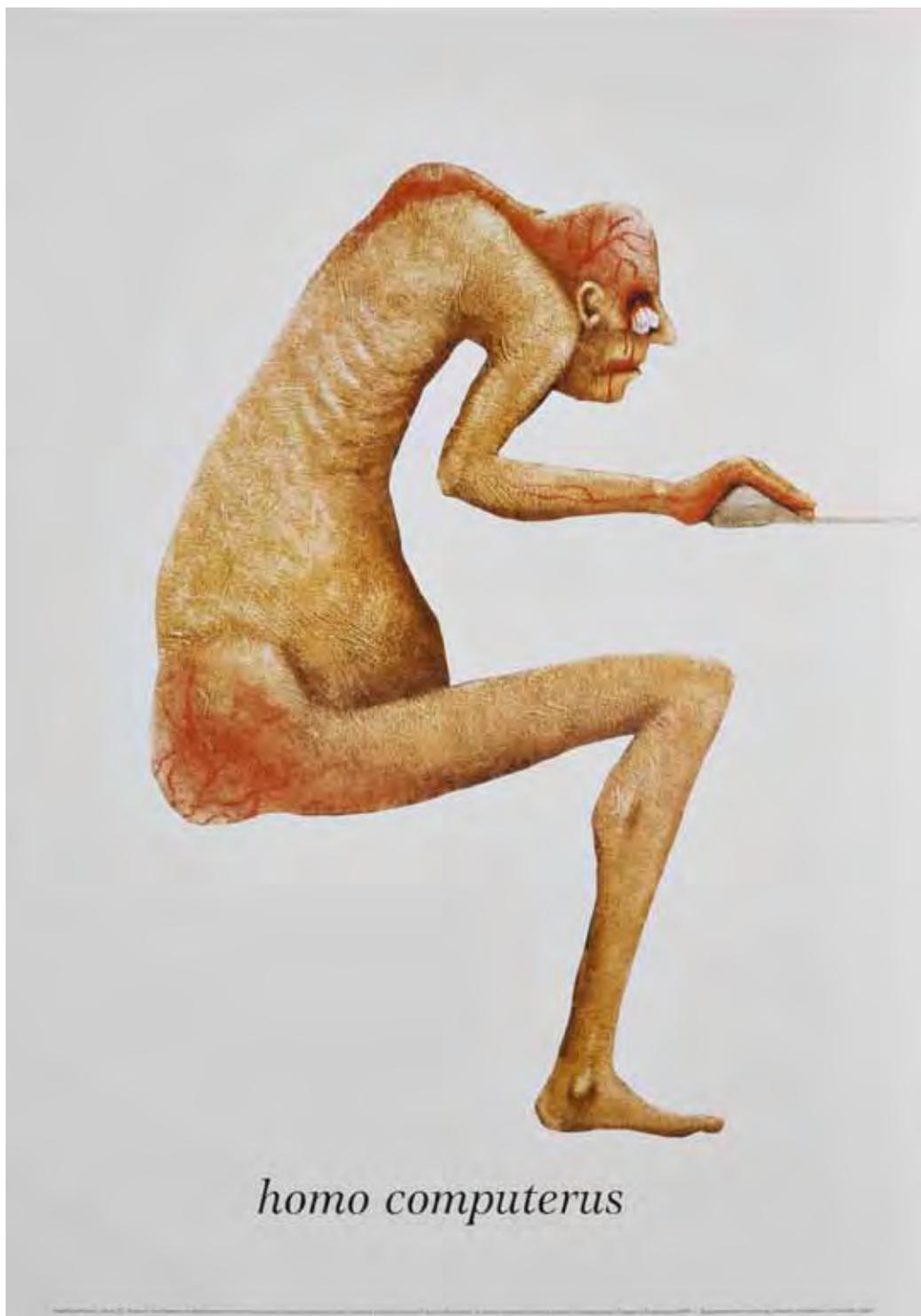
Os riscos psicossociais

Algumas mudanças ocorridas no mundo do trabalho nas últimas décadas, como o aumento da jornada de trabalho, a instabilidade de emprego ou a crise econômica, têm contribuído para a emergência dos riscos psicossociais. Esses riscos estão relacionados ao modo como se planeja, organiza e gere o trabalho, assim com seu contexto socioeconômico. Seus efeitos têm contribuído para uma significativa deterioração da saúde física e mental de certos coletivos de trabalho, frequentemente associados a um elevado nível de estresse no trabalho. O estresse ligado à atividade de trabalho é um conceito central na vida contemporânea, além de um desafio para a saúde pública mundial. Na América do Norte e na Europa, o estresse relacionado ao trabalho é uma das principais causas de incapacidade laboral (Sauter et al., 1998).

Em 1992, a OMS estimulou as agências nacionais e organizações não governamentais a darem atenção a problemas relacionados ao estresse em grupos especialmente vulneráveis (desempregados, migrantes, refugiados etc.). A OMS propôs que se articulassem medidas para potencializar as iniciativas comunitárias para prevenir e gerenciar de forma adequada o estresse (Jackson, 2013). Em 1999, de acordo com dados da Agência Europeia para a Segurança e Saúde no Trabalho (EU-Osha), mais da metade dos 147 milhões de trabalhadores da União Europeia – até então com quinze Estados membros (UE-15) – declararam que trabalhavam de forma acelerada e com prazos apertados. Mais de um terço não podia exercer nenhuma influência sobre a organização das tarefas e mais de um quarto não podia tomar qualquer decisão sobre seu ritmo de trabalho. Cerca de 45% declararam realizar tarefas monótonas, enquanto 44% não possuíam rotatividade de atividade e 50% indicaram que realizavam tarefas curtas e repetitivas. Esse

conjunto de “estressores” relacionados ao trabalho seriam os responsáveis pela alta morbidade referida pelos trabalhadores europeus: 13% se queixavam de dores de cabeça, 17% de dores musculares, 20% de fadiga, 28% de estresse e 30% de dores nas costas; muitos outros se queixavam inclusive de doenças que podiam por a vida em risco (European Commission, 2000).

Entre 2000 e 2005, antes do início da crise econômica atual, parecia haver uma leve queda na prevalência do estresse na UE-15, embora houvesse um aumento marginal em países candidatos a entrar na UE. Portanto, não é surpreendente que a EU-Osha considere o estresse laboral como a segunda condição mais frequente de doença no trabalho, atrás apenas dos problemas musculoesqueléticos. De acordo com a Osha, 22% de trabalhadores europeus tiveram estresse laboral em 2005, com custo econômico anual sendo estimado em 20 bilhões de euros em 2002 na UE-15 (European Agency, 2009). O órgão britânico de saúde ocupacional, o Health and Safety Executive (HSE), publicou em 2000 um estudo que registrava um aumento de 30% no estresse laboral entre 1990 e 1995, com aproximadamente um em cada cinco trabalhadores declarando-se “extremamente” ou “muito” estressado. O relatório também concluía que o estresse laboral, causado em particular por longas jornadas de trabalho, exposição ao ruído, interrupções frequentes ou apoio insuficiente, estava associado à hipertensão arterial, depressão, bronquite e câncer de mama (Jackson, 2013). O próprio HSE estimou recentemente que o custo anual do estresse relacionado ao trabalho no Reino Unido, durante o período 2007-2008, foi de mais de 4 bilhões de libras esterlinas, com o número de dias de trabalho perdidos chegando a 13,5 milhões (HSE, 2009).



Cartaz 34

Homo computerus.

Polônia, Instituto Central de Proteção
do Trabalho, 2004-2011.

Designer/artist: **Skakun, Jerzy.**

Fonte: CIOP.

Em resposta a essa ameaça crescente, desde o fim do século XX, tanto organismos estatais, quanto organizações independentes têm posto em marcha iniciativas para dar publicidade aos riscos do estresse laboral e seus impactos na saúde dos trabalhadores e tentar reduzi-los. No caso da Polônia, o organismo responsável por levantar e processar dados relativos à incidência do estresse laboral é o CIOP, que produziu o cartaz incluído na mostra. Trata-se de um problema de crescente incidência. O último relatório da EU-Osha apontou um aumento de 8% nos níveis de estresse laboral na Polônia entre 2001 e 2005, em boa parte ligado ao fato de que, em 2005, a Polônia registrava um dos maiores índices de percepção de instabilidade de emprego. As ocupações que registram o maior nível de estresse são: professores (34%), profissionais de saúde (30,6%), servidores públicos (30,2%) e bancários (29,6%) (European Agency, 2009). Quaisquer homens que desempenham essas atividades poderiam se sentir representados no excelente cartaz que incluímos na mostra (Cartaz 35).

O segundo cartaz sobre esse tema foi produzido pelo Instituto de Pesquisa em Segurança Ocupacional

(VÚBP) da República Tcheca. Trata-se de um instituto de pesquisa fundado e financiado pelo Ministério do Trabalho. Além da pesquisa e da formação na área de segurança e saúde no trabalho, o VÚBP desenvolve vários programas para melhorar a qualidade da vida no trabalho, incluindo a abordagem dos riscos psicossociais. Assim como o CIOP na Polônia, o VÚBP é uma instituição que faz o levantamento da incidência de riscos psicossociais na República Tcheca em colaboração com a EU-Osha. Diferentemente do caso polonês, o último relatório europeu registrou uma queda de 8% nos níveis de estresse laboral entre 2001 e 2005. Inversamente, em 2005, a República Tcheca registrou um dos maiores índices de percepção de instabilidade do emprego (32%) (European Agency, 2009). O cartaz incluído na seleção faz alusão a uma das formas de manifestação dos problemas psicossociais gerados pelo trabalho, relacionados à excessiva demanda de trabalho com pouco tempo para realizá-lo ou com a falta de autonomia e apoio para realizá-lo (Cartaz 36).

O acesso ao consumo e a representação da mulher

Nas nossas sociedades de consumo, o trabalho tem possibilitado o acesso a bens e formas de lazer tradicionalmente ligados às elites. Esse argumento tem sido usado em cartazes de prevenção, atualizando o discurso tradicional relativo às consequências da imprudência ou da não utilização de equipamentos de proteção, que privam os trabalhadores e suas famílias do lazer (Cartazes 37, 38).

A representação da mulher nesses cartazes não é mais do que um *aggiornamento* do tradicional tratamento sexista que tem recebido nos cartazes de prevenção desde

o período entreguerras. Nos cartazes da segunda metade do século XX em torno da família incluídos na mostra, podemos ver que a mulher é ainda representada majoritariamente como esposa. No primeiro desses cartazes abunda a representação da esposa como a provedora de cuidados e responsável por velar pelo bem-estar do marido, que agora inclui o uso de equipamentos de proteção. Em outros casos, como no segundo cartaz, o uso do capacete e de óculos de proteção garante que acidentes não ameacem a vida de casal. Os dois últimos cartazes reforçam a representação do homem como provedor da renda para o bem-estar e a subsistência da família (Cartazes 39).



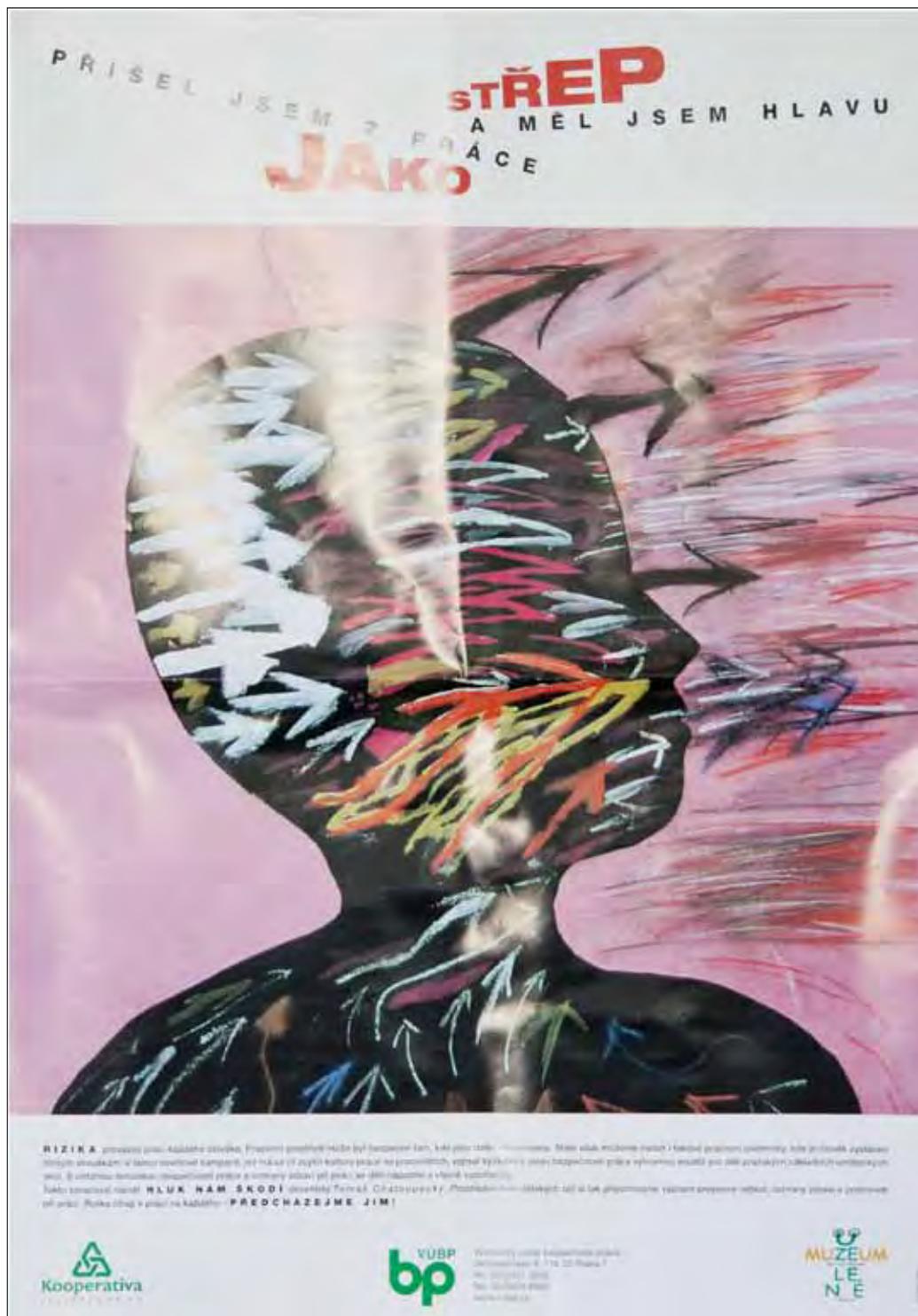
Cartaz 35

Estresse laboral.

Polónia, Instituto Central de Proteção do Trabalho, 2004-2011.

Designer/artist: **Napierata, Mariusz.**

Fonte: CIOP.



Cartaz 36
“Cheguei em casa do trabalho com a cabeça latejando”.
 República Tcheca,
 Instituto de Pesquisa em Segurança
 no Trabalho, 2002.

Fonte: VÚPB.

Nein, wir fahren heuer
nicht auf Urlaub,
mein Mann hat einen
Unfall gehabt.



K 100/1-87-28000

UNFALLVERHÜTUNGSBÜRO DER ALLGEMEINEN UNFALLVERSICHERUNGSGESAMTSCHAFT

Cartaz 37
**“Não poderemos viajar de férias
esse ano. Meu marido sofreu um
acidente”.** Áustria

Fonte: International Institute of
Social History (Amsterdam).

Cartaz 38
Gerd não está aqui. Ele se esqueceu de colocar seus óculos de proteção e terá que passar 3 semanas no hospital ao invés de 3 semanas em Tenerife.

Alemanha, Associação Profissional de Engenharia Elétrica e de Precisão, 1999.

Designer/artist: **Kröll, Bruno.**

Fonte: International Institute of Social History (Amsterdam) – IISG BG D34/825.



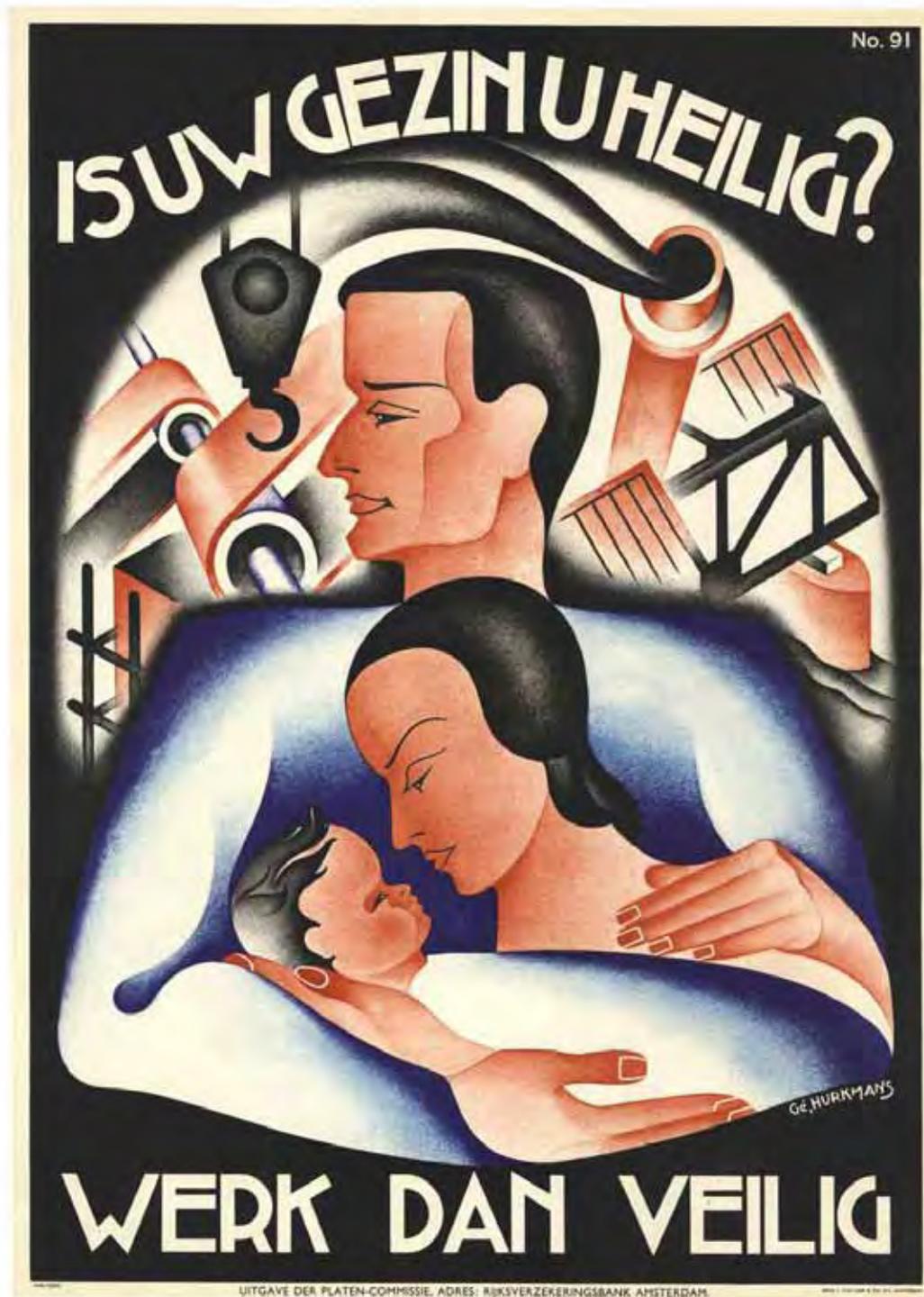




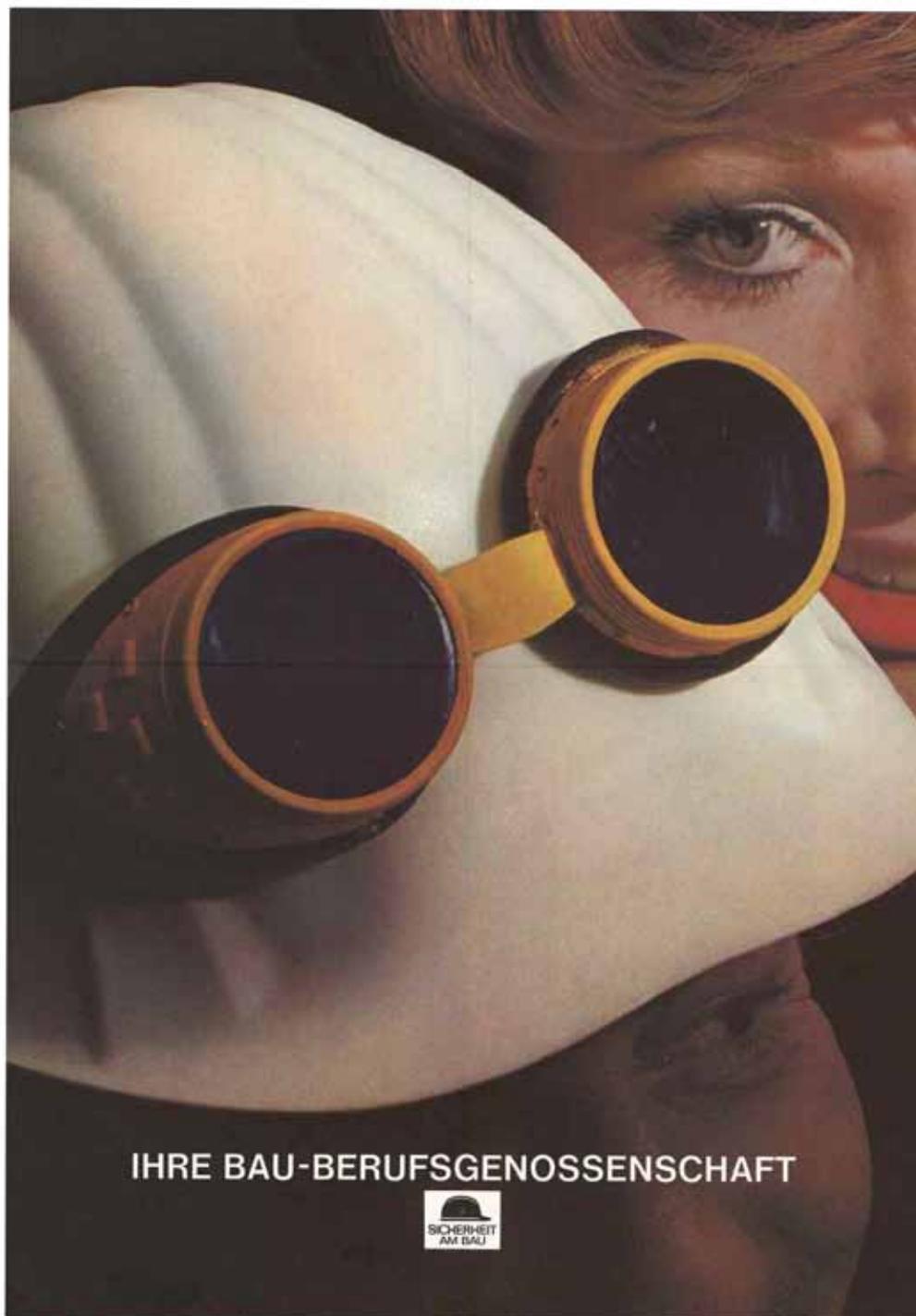
Cartaz 39a | **Nossas mulheres estão certas: "Melhor que uma fratura no crânio... É usar um capacete!"** Alemanha
Fonte: International Institute of Social History (Amsterdam).



Cartaz 39b | **O ser humano no centro de todos os esforços de segurança.** Alemanha
Fonte: International Institute of Social History (Amsterdam).



Cartaz 39c | **Sua família é sagrada? Então trabalhe com segurança.** Holanda
Fonte: International Institute of Social History (Amsterdam).



IHRE BAU-BERUFSGENOSSENSCHAFT



Cartaz 39d | **[Sua cooperativa da construção. Segurança na construção.]** Alemanha
Fonte: International Institute of Social History (Amsterdam).

Com exceção de alguns cartazes comentados até agora, em particular os poloneses, a produção europeia no pós-guerra não tirou proveito das grandes mudanças no *design* e na renovação da linguagem iconográfica. Outra exceção é a magnífica seleção de cartazes produzidos pelo Movimento Sindical

Revolucionário Tcheco (ROH) entre 1979 e 1980. O recurso a uma linguagem iconográfica mais sóbria e conceitual não questiona, contudo, as mensagens tradicionais direcionadas ao trabalhador nem abandona a concepção de cartaz de prevenção como instrumento de instrução (Cartazes 40-44).

elektřina má sloužit – ne zabíjet



Cartaz 40

**A eletricidade. deve servir
– não matar!**

Tchecoslováquia, Movimento Sindical
Revolucionário, 1979.

Designer/artist: **Jiricka, Vojtech.**

Fonte: ROH.

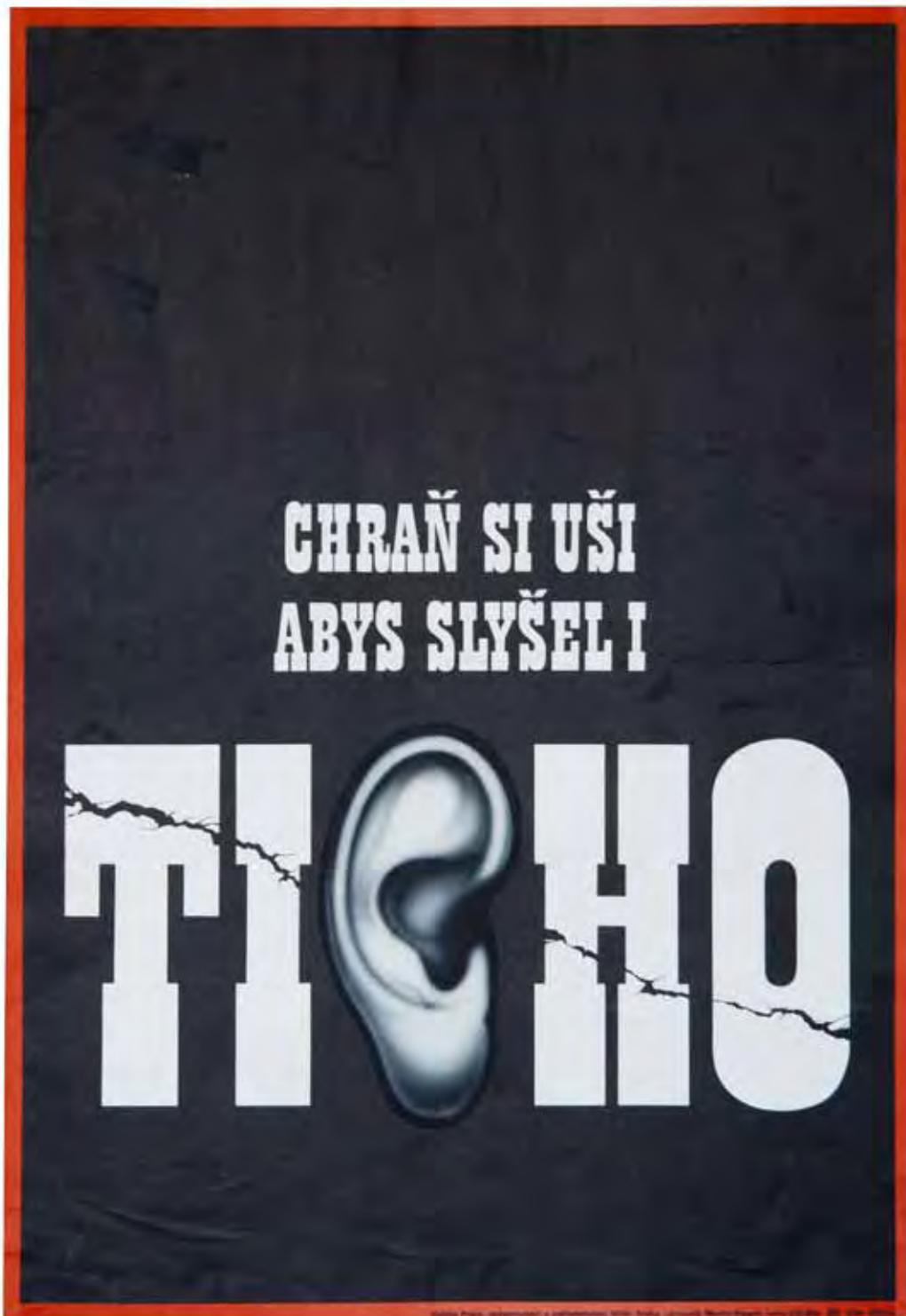
Cartaz 41
**Proteja seus olhos,
você só tem dois.**

Tchecoslováquia, Movimento
Sindical Revolucionário, 1980.

Designer/artist: **Dyrynk, Maryin.**

Fonte: ROH.





Cartaz 42

Proteja seus ouvidos para ouvir também o silêncio.

Tchecoslováquia, Movimento Sindical Revolucionário, 1980.

Designer/artist: **Dyrynk, Maryin.**

Fonte: ROH.



Cartaz 44 | **Agricultura**. Polônia, Instituto Central de Proteção do Trabalho, 2004-2011.
Designer/artist: **Golonka, Jerzy**. Fonte: CIOP.

ARTI E

FE
FE

FE

SAUDE' NO

ANÇA

SECURANCA



Concluindo

A seleção de cartazes de prevenção que compõem essa mostra me permite refletir acerca de duas questões que creio poderem enriquecer nossa visão do passado e do presente das campanhas de prevenção de riscos ocupacionais.

Primeiramente, a mostra fornece uma excelente constatação das diferentes culturas de prevenção que inspiraram a produção de cartazes e campanhas preventivas ao longo do século XX. Como mostrei através do apanhado histórico oferecido por essa seleção de cartazes, durante a maior parte do período abordado a “linguagem dos cartazes” ajudou a consolidar uma concepção de prevenção de acidentes de trabalho baseada na cultura especialista e nos interesses empresariais. Concepção essa articulada em torno da centralidade dos trabalhadores como único destinatário das mensagens preventivas e como sendo os principais responsáveis pela produção de agravos e por evitá-los.

Nessa mostra de cartazes é ressaltada a criação, por parte dos atores sindicais, de uma nova cultura de prevenção, cultura esta que não apenas forneceu interpretações alternativas da nocividade do trabalho e da atividade de prevenção – particularmente radicais no caso do Modelo Operário Italiano –, mas também fez do cartaz um meio de reivindicação que foi muito além da instrução e da persuasão na qual a cultura especialista havia o confinado. Boa parte dos cartazes elaborados pelos sindicatos europeus a partir da década de 1960 construíram representações menos deterministas do trabalho de prevenção, tirando o foco de atenção do comportamento dos trabalhadores europeus e incluindo os novos riscos enfrentados por eles, assim como problemas de saúde anteriormente ignorados pelos cartazes, como as doenças ocupacionais. Além disso, a produção sindical permitiu incluir nos cartazes referências a determinantes sociais dos riscos, outro elemento subvalorizado pela cultura especialista.

A constatação dessa multiplicidade de formas de abordar a prevenção, como mostrado por esses cartazes, é sem dúvida o principal valor dessa mostra. É pertinente desenvolver essa linha de pesquisa para um aprofundamento relativo às diferentes linguagens empregadas e aos diversos usos que foram feitos do cartaz de prevenção pelas diferentes culturas de prevenção que coexistiram durante o século XX.

Em segundo lugar, essa mostra oferece elementos para repensar o trabalho de prevenção nos nossos dias. Com certeza, a análise do contexto em que os cartazes de prevenção são usados e dos efeitos que sua recepção exerce sobre os destinatários requer uma avaliação mais complexa que escapa ao objetivo desta apresentação. Atrevo-me a levantar a hipótese de que a capacidade dos cartazes de prevenção de influenciar os trabalhadores tem sido inversamente proporcional à distância entre esses trabalhadores e os valores da cultura especialista a partir dos quais são majoritariamente construídos os cartazes. Em outras palavras, os cartazes inspirados pelas perspectivas de risco e prevenção mais próximas da cultura operária tiveram maior impacto do que aqueles que seguem os princípios restritivos e distantes da cultura especialista.

Tentarei sustentar minha hipótese focando os produtos audiovisuais que têm sido centrais nas campanhas de prevenção em nossos dias, como foram outrora os cartazes. Tomemos como exemplo a produção audiovisual dedicada à prevenção e à conscientização sobre o câncer relacionado ao trabalho. Uma rápida olhada nos portais das diversas agências governamentais europeias que atuam nesse âmbito me permite aventar que o gênero dominante em campanhas de prevenção e conscientização tem sido o produto que oferece instrução ou orientação pedagógica aos usuários de substâncias tóxicas quanto aos riscos de sua manipulação. Produtos que têm como destinatário fundamental, como nos cartazes de prevenção, o

próprio trabalhador e nos quais o fator humano continua predominante. Em outras palavras, as decisões realizadas pelo indivíduo afetado são responsáveis pelo desencadeamento e a produção da doença.

A existência de campanhas alternativas, distantes desse modelo canônico da cultura especialista, permite vislumbrar o potencial de desenvolvimento de uma compreensão mais abrangente e integrada da prevenção. Um exemplo é a campanha francesa de prevenção aos cânceres ocupacionais produzida em 2006 pelo Institut national de recherche et sécurité pour la prévention des accidents du travail et des maladies professionnelles. Essa campanha de conscientização consistiu em quatro peças produzidas pelo cineasta francês Albin Voulfow (Voulfow, 2006), cada uma com duração de cerca de dois minutos, planejadas para serem transmitidas em vários contextos, tão diversos quanto seus possíveis públicos e destinatários de suas mensagens, marcando assim uma clara ruptura com o foco tradicional nos trabalhadores expostos como receptores da mensagem preventiva. Um segundo elemento novo, ligado à multiplicidade de destinatários, é a prática de filmar em diversos cenários, em geral afastados dos espaços produtivos. O recurso à elipse gera a poderosa representação da dimensão coletiva da prevenção do risco, transcendendo a alusão tradicional ao fator humano. Desse modo os determinantes sociais vêm à tona e aparece a importância de outros atores para a tarefa preventiva.

Em outras palavras, representar um encontro casual de médicos olhando raios-X, uma conversa fugaz entre trabalhadores no vestiário de uma empresa de polimento, uma festa de despedida para um trabalhador que está se aposentando ou um encontro entre um advogado e um empresário denunciado por danos à saúde dos trabalhadores em seu escritório não amplia apenas a gama de destinatários da mensagem, mas também envolve outros responsáveis pela determinação do risco e pela sua gestão e seu reconhecimento. Por último, a referência ao risco carcinogênico não se encaixa no tradicional afã pedagógico dos produtos de divulgação, uma vez que ele está mais relacionado a processos decisórios que afetam a exposição e o reconhecimento do risco. Sendo assim, para fins preventivos, a menção a produtos que geram risco é muito secundária em relação ao processo decisório.

Descentrar o público, superando o apego ao trabalhador como único destinatário da mensagem, e propor leituras mais compreensivas da geração de risco e de sua prevenção, transcendendo a perspectiva especialista e incorporando os múltiplos atores e fatores que os determinam, parecem recomendações convenientes para que as campanhas de prevenção alcancem seus objetivos de forma satisfatória. Esse é o caminho que começaram a traçar os cartazes de prevenção produzidos pelos sindicatos a partir dos anos 1960, dos quais essa exposição fornece uma excelente mostra.

Referências

- Bagnara S.; Biocca; M.; Mazzonis, D.G. (1981). Trends in occupational health and safety policy in Italy. *International Journal of Health Services*, 11 (3), 431-450.
- Bartrip, P.W.J.; Burman, S. (1983). *The wounded soldiers of industry: industrial compensation policy, 1833–1897*. Oxford: Clarendon Press.
- Ben Salem, M.; Blanchet, D.; Bozio, A.; Roger, M. (2010). Labor force participation by the elderly and employment of the young: the case of France. In: Gruber, J.; Wise, D.A. (eds.) *Social security programs and retirement around the world: the relationship to youth employment*. Chicago: University of Chicago Press, 119-146.
- Bodiguel, J.-L. (1969). *La réduction du temps de travail: enjeu de la lutte sociale*. Paris: Editions ouvrières.
- Boisard, P. (2004). Working time policy in France. *Document de travail 34*. Noisy-le-Grand: Centre d'études de l'emploi.
- Borowy, I. (2013). Global health and development: conceptualizing health between economic growth and environmental sustainability. *Journal of the History of Medicine and Allied Sciences*, 68 (3), 451-485.
- Cárcoba Alonso, A. (ed.) (2007). *La salud no se vende ni se delega, se defiende: el modelo obrero*. Madrid: Fundación Sindical de Estudios.
- Centemeri, L. (2014). What kind of knowledge is needed about toxicant-related health issues? Some lessons drawn from the seveso dioxin case. In: Boudia, S.; Jas, N. (eds.) *Powerless science? Science and politics in a toxic world*. New York: Berghahn Books, 134-151.
- Comín Comín, F. (2010). Los seguros sociales y el Estado del Bienestar en el siglo XX. In: Pons Pons, J.; Silvestre Rodríguez, J. (eds.) *Los orígenes del Estado del Bienestar en España, 1900-1945: los seguros de accidentes, vejez, desempleo y enfermedad*. Zaragoza: Prensas Universitarias de Zaragoza, 17-50.
- Douglas, M. (1986). *Risk acceptability according to the social sciences*. New York: Russell Sage Foundation.
- European Agency for Safety and Health at Work (2009). *OSH in figures: stress at work – facts and figures*. Luxembourg: Office for Official Publications of the European Communities.
- European Comission (2000). *Guidance on work-related stress: spice of life or kiss of death*. Luxembourg: Office for Official Publications of the European Communities.
- Fridenson, P. (1986). Automobile workers in France and their work, 1914-83. In Kaplan, S.L.; Koepf, C.J. (eds.) *Work in France: representations, meaning, organization, and practice*. Ithaca: Cornell University Press, 514-547.
- García Gómez, M. (1994). Los mapas de riesgos: concepto y metodología para su elaboración. *Revista de Sanidad e Higiene Pública*, 68 (4), 443-453.

- Guillemard, A.M. (2000). *Aging and the welfare-state crisis*. London: Associated University Presses.
- HSE (2009). *How to tackle work-related stress*. London: Health and Safety Executive.
- Hilgartner, S. (1985). The political language of risk: defining occupational health. In: Nelkin, D. (ed.) *The language of risk: conflicting perspectives on occupational health*. Beverly Hills: Sage, 25-65.
- IARC (1977). Asbestos. *IARC Monographs on the Evaluation of Carcinogenic Risks to Humans* 14. Lyon: International Agency for Research on Cancer.
- Jackson, M. (2013). *The age of stress: science and the search for stability*. Oxford: Oxford University Press.
- Laurell, A.C. (1984) Ciencia y experiencia obrera: la lucha por la salud en Italia. *Cuadernos Políticos*, 41, 63-83.
- Lion, A. (1984). France: poverty and work. In: Walker, R.; Lawson, R.; Townsend, P. (eds.) *Responses to poverty: lessons from Europe*. Cranbury: Associated University Presses, 96-118.
- Martínez Pérez, J. (1994). La organización científica del trabajo y las estrategias médicas de seguridad laboral en España (1922-1936). *Dynamis: Acta Hispanica ad Medicinae Scientiarumque Historiam Illustrandam*, 14, 131-158.
- McIvor, A.; Johnston R. (eds.) (2007). *Miners' lung: a history of dust disease in British coal mining*. Aldershot: Ashgate.
- Menéndez Navarro, A. (2003). Conocimiento experto y la gestión y percepción de los riesgos laborales en las sociedades industriales: una reflexión desde la historia de la ciência. In Cárcoba, Á. (ed.) *Democracia, desigualdad y salud*. Palma de Mallorca: La Lucerna, 109-124.
- Menéndez Navarro, A. (2012). Culpabilizar a las víctimas: los carteles de prevención de accidentes del trabajo en el periodo de entreguerras. In: Castejón Bolea, R.; Perdiguero Gil, E.; Piqueras Fernández, J.L. (eds.) *Las imágenes de la salud: cartelismo sanitario en España (1910-1950)*. Alicante: Instituto Alicantino de Cultura Juan Gil-Albert, 71-80.
- Mouriaux, R. (1992). France. In: Campbell J. (ed.) *European labor unions*. Westport: Greenwood Press, 119-148.
- Nelkin, D. (ed.) (1985). *The language of risk: conflicting perspectives on occupational health*. Beverly Hills: Sage.
- Noble, D.F. (2001). *La locura de la automatización*. Barcelona: Alikornio Ediciones.
- OIT (1982). *International Labour Conventions and Recommendations, 1919-1981*. Geneva: International Labour Office.
- Pelta Resano, R. (2008). Un grito en la pared: el cartelismo en prevención de riesgos laborales. *La Mutua*, 20, 59-80.
- Perdiguero Gil, E.; Castejón Bolea, R. (2012). El surgimiento del cartelismo y las peculiaridades del caso español. In: Castejón Bolea, R.; Perdiguero Gil, E.; Piqueras Fernández, J.L. (eds.) *Las imágenes de la salud: cartelismo sanitario en España (1910-1950)*. Alicante: Instituto Alicantino de Cultura Juan Gil-Albert, 9-22.
- Rabinbach, A. (1992). *The human motor: energy, fatigue and the origins of modernity*. Berkeley: University of California Press.

Reich, M.R.; Goldman, R.H. (1984). Italian occupational health: concepts, conflicts, implications. *American Journal of Public Health*, 74 (9), 1031-1041.

Rodríguez Ocaña, E.; Menéndez Navarro, A. (2006). Salud, trabajo y medicina en la España de la legislación social, 1900-1939. *Archivos de Prevención de Riesgos Laborales*, 9 (2), 81-88.

Rosental, P.-A.; Devinck, J.-C. (2007). Statistique et mort industrielle : la fabrication du nombre de victimes de la silicose dans les houillères en France de 1946 à nos jours. *Vingtième Siècle. Revue d'histoire*, 95 (3), 75-91.

Sauter, S.L.; Hurrell, J.J.; Murphy L.R.; Levi, L. (1998). Psychosocial and organizational factors. In: ILO (ed.). *Encyclopaedia of occupational health and safety*. Geneva: International Labor Organization, 4th ed, 34.

Segura, O.; Burdorf, A.; Looman, C. (2003). Update of predictions of mortality from pleural mesothelioma in the Netherlands. *Occupational and Environmental Medicine*, 60 (1), 50-55.

Silvestre, J. (2008). Workplace accidents and early safety policies in Spain, 1900-1932. *Social History of Medicine*, 21 (1), 67-86.

Sturdy, S. (2003). The industrial body. In: Cooter R.; Pickstone, J. (eds.). *Companion to medicine in the twentieth century*. London: Routledge, 217-234.

Swuste, P.; Burdorf, A.; Ruers, B. (2004). Asbestos, asbestos-related diseases, and compensation claims in the Netherlands. *International Journal of Occupational and Environmental Health*, 10 (2), 159-165.

Tosstorff, R. (2005). The international trade-union movement and the founding of the International Labour Organization. *International Review of Social History*, 50 (3), 399-433.

Tweedale, G.; McCulloch, J. (2004). Chrysophiles versus chrysophobes: the white asbestos controversy, 1950s-2004. *Isis*, 2004, 95 (2), 239-259.

Ughetto, P.; Bouget, D. (2001). *France, the impossible new social compromise?* <http://pratclif.com/economy/COSTA13-FRANCErev15may2001.pdf>

Virta, R.L. (2006). Worldwide asbestos supply and consumption trends from 1900 through 2003. *U.S. Geological Survey*. Virginia. <http://pubs.usgs.gov/circ/2006/1298/c1298.pdf>

van Voorden, W. (1992). The Netherlands. In: Campbell, J. (ed.). *European labor unions*. Westport: Greenwood Press, 305-322.

Voulfow, A. (2006). *Quatre spots pour la prévention des cancers professionnels*. Paris: Institut national de recherche et de sécurité.

Weindling, P. (1995). Social medicine at the League of Nations Health Organisation and the International Labour Office compared. In: Weindling, P. (ed.). *International health organisations and movements, 1918-1939*. Cambridge: Cambridge University Press, 134-153.

ARTI E

FE
FE

FE

SAUDE' NO

ANÇA

ÇA

ÇA

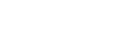
SEGURANCA

ANÇA

ÇA

PREVENCAO EM SE

SECURANCA



Sobre a obra

A presente publicação do European Trade Union Institute, decorrente da exposição *The art of preventive health and safety in Europe*⁷, apresenta cartazes históricos e *vintages* de diversos países europeus que mostram como o *design* gráfico foi utilizado para promover a prevenção em segurança e saúde no trabalho em mais de vinte diferentes ambientes culturais.

Ela nos ensina como as mensagens e os *slogans* de segurança e saúde no trabalho evoluíram da culpabilização dos trabalhadores pelos acidentes e erros ao fomento de um enfoque mais proativo da prevenção.

Este livro mostra também a importância histórica que a segurança e a saúde no trabalho têm tido para o movimento sindical europeu. Para tanto, apresenta os riscos gradualmente identificados pelos trabalhadores como etapas sucessivas no caminho para conceber a prevenção, ilustrando como a mobilização de uma inteligência coletiva contribuiu para questionar a tradicional divisão do trabalho.

De um ponto de vista artístico, a publicação oferece uma viagem pela arte do século XX e através de movimentos artísticos e gráficos europeus importantes, incorporando a fotografia, a fotomontagem, a abstração geométrica e o tratamento tipográfico rigoroso.

⁷ Nota da revisora: Em tradução livre “A Arte da Saúde e Segurança Preventivas na Europa”.

ARTI E

FE

SECURANCA



Sobre o livro

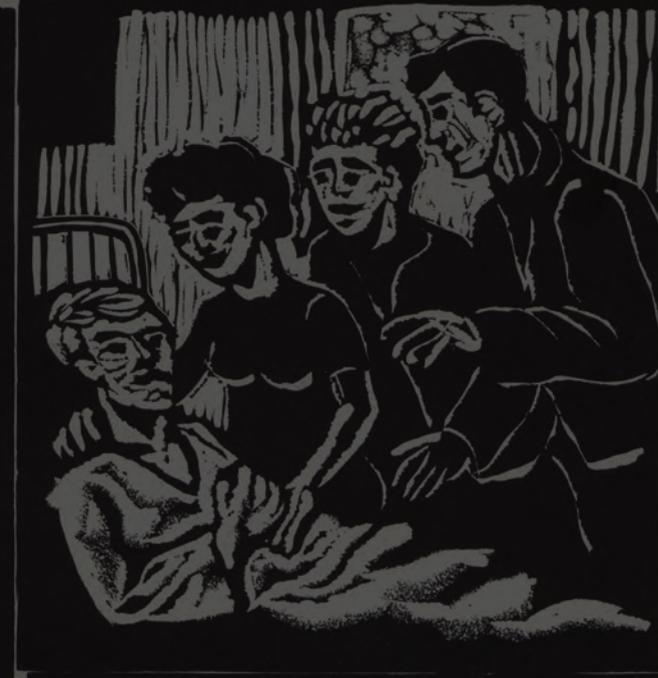
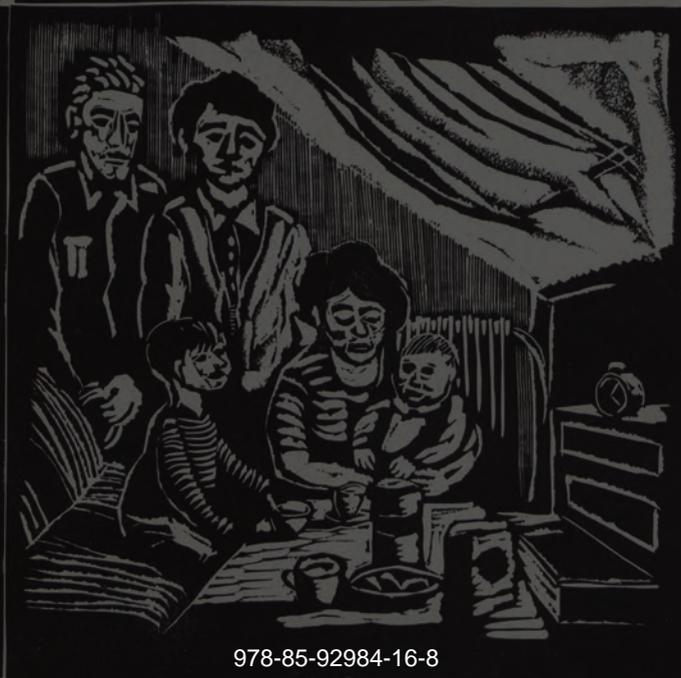
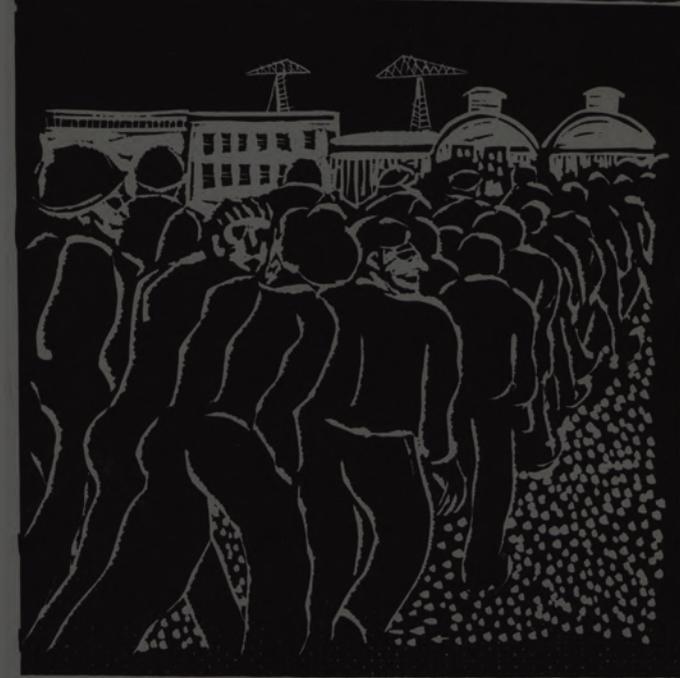
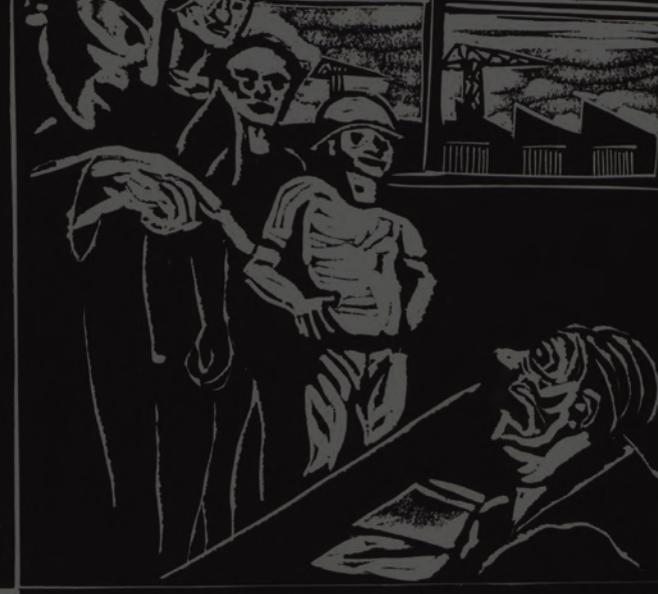
Composto em Myriad Pro 11 (textos)
em papel couchê 120g/m² (miolo)
e capa dura com guardas em off-set 150g/m²
no formato 270x225 mm



FUNDACENTRO
FUNDAÇÃO JORGE DUPRAT FIGUEIREDO
DE SEGURANÇA E MEDICINA DO TRABALHO

Rua Capote Valente, 710
São Paulo – SP
05409-002
Tel.: 3066-6000

www.fundacentro.gov.br



978-85-92984-16-8



9 788592 984168 >

